

Autorização ao diretor do agrupamento

ANEXO UM

Exma. Senhora

Diretora do Agrupamento de Escolas de [REDACTED]

Cristina Paula Garcia Ferreira Pinto, educadora de infância do quadro de agrupamento, do grupo 100 – educação pré escolar, a frequentar o curso de mestrado de Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica, na Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, está a desenvolver um trabalho de investigação sobre supervisão pedagógica e gestão intermédia, na figura do coordenador de departamento, orientado pela doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves.

Para a realização desta investigação solicita a colaboração de v/ exa., nomeadamente no que se refere à recolha de dados e análise de documentos nesse agrupamento.

A recolha de dados irá decorrer durante os meses de abril e maio e será efetuada através de inquérito por entrevista e observação direta.

Requer autorização para desenvolver a supracitada investigação, aproveitando para agradecer a melhor atenção de v/ exa. para este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

[REDACTED], 27 de março de 2012

Guião de entrevista a coordenadores de departamento

ANEXO DOIS

Caro(a) Colega,

Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as concepções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica, a apresentar à Escola Superior de Educação Paula Frassinetti e tem por objetivo conhecer as percepções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma.

Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: _____ Idade: _____ Tempo serviço: _____

Anos de exercício do cargo de coordenador: _____

Formação específica em Supervisão: Sim Não (riscar o que não interessa)

Nº de docentes do departamento: _____ Grupos de recrutamento: _____

QUESTÕES

1 - Enquanto coordenador de departamento, que importância atribui à supervisão pedagógica?

2 - Enquanto coordenador de departamento, considera-se um supervisor pedagógico?

3 – Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas com que se identifica e pratica enquanto coordenador?

4 - Importa-se de ilustrar a sua resposta com um exemplo?

- 5 – Que “pontes” encontra entre o trabalho supervisoivo e a coordenação de departamento?
- 6 – Que diferença encontra entre informar e comunicar?
- 7 – Que meios utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do seu departamento?
- 8 – Considera que a forma como comunica algo é decisiva para a implicação de quem executa a tarefa? Pode fornecer um exemplo?
- 9 - Costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares? De que tipo?
- 10 - Considera importante existirem consensos nas equipas? De que forma é que se constroem?
- 11 - Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares?
- 12 - A forma de entender a supervisão pedagógica pode, ou não, mudar a instituição/escola, concretamente as práticas educativas?
- 13 – Recorre às TIC no exercício supervisoivo? Considera que este tipo de recursos facilita a regulação que está associada ao trabalho supervisoivo?
- 14 - Que relação estabelece entre a ADD e a supervisão?
- 15 - Para si, a supervisão e avaliação são a mesma coisa?
- 16 - De que forma, no dia-a-dia das escolas a supervisão se reduz à ADD?
- 17 - No desempenho do seu cargo, qual ou quais as maiores dificuldades que sente?

Muito obrigada pela sua participação!

Guião de entrevista a docentes

ANEXO TRÊS

Caro(a) Colega,

Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as concepções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica, e tem por objetivo conhecer as percepções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma.

Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: _____ Idade: _____ Tempo serviço: _____

Formação específica em Supervisão: Sim Não (riscar o que não interessa)

QUESTÕES

1- Enquanto docente, que importância atribui à supervisão pedagógica?

2 – Reconhece/identifica o coordenador de departamento como supervisor pedagógico? Em que sentido?

3 – Considera que, para o exercício do cargo de coordenador de departamento, é fundamental a formação especializada na área da supervisão? Justifique.

4 – Considera que coordenador de departamento e supervisor são a mesma coisa?

5 - Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas que identifica no coordenador de departamento?

6 – De que modo o CD realiza o acompanhamento da prática pedagógica perante os docentes do seu departamento?

7 – Que meios o CD utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do departamento?

8 – Considera que a forma como o CD comunica algo está adequada à forma como executa as respetivas tarefas propostas? (motivação versus comunicação)

9 – O coordenador de departamento costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares? De que tipo?

10 - Considera importante existirem consensos nas equipas? Mais concretamente, no departamento, a quem é que atribui essa tarefa? (ao CD, a todos os docentes)

11 - Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares?

12 - A forma de entender a supervisão pedagógica pode, ou não, mudar a instituição/escola, concretamente as práticas educativas?(ideia de excelência...)

13 - Que relação estabelece entre a ADD e a supervisão?

14 – Para si, a supervisão e avaliação são a mesma coisa?

15 – De que forma, no dia-a-dia das escolas a supervisão se reduz à ADD?

Muito obrigada pela sua participação!

Grelha de Observação – Reunião Departamento Curricular

ANEXO QUATRO

Data:

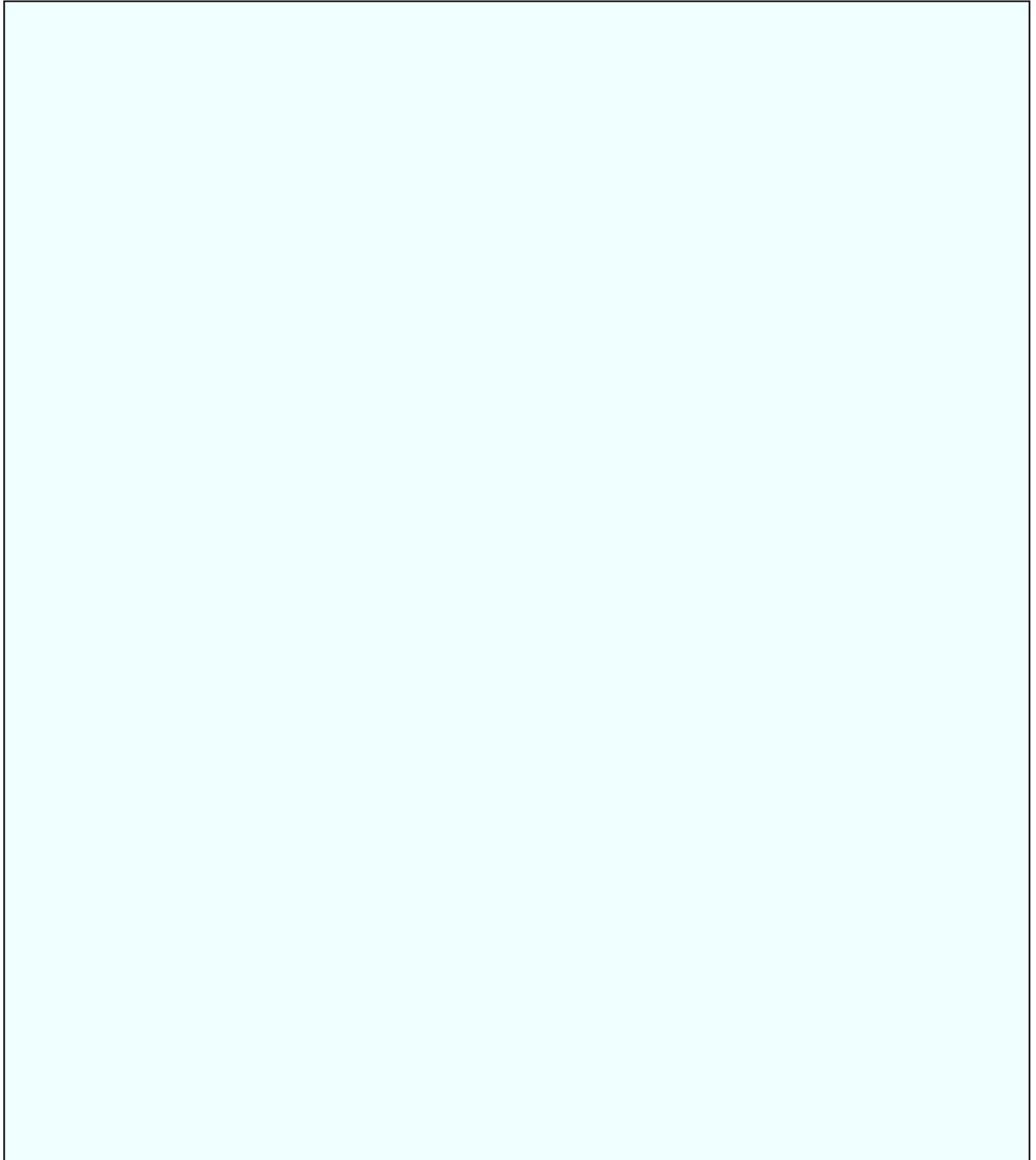
Local:

Hora:

Intervenientes:

Ordem de trabalhos:

Observação (narrativa):



ENTREVISTA AO COORDENADOR DE DEPARTAMENTO 1 (CD1)

ANEXO CINCO

DATA: 13/04/2012

HORA: 12h30m

LOCAL: Sede agrupamento (sala de aula, sem interferências)

DURAÇÃO: Aprox. 20 minutos (estavam disponibilizados 1h30m)

Ent.- Bom dia! Esta entrevista é para a realização de um trabalho de mestrado, relativo à supervisão pedagógica e, uma vez que a supervisão tem um papel tão importante nos dias de hoje e que tanto se fala em supervisão, torna-se pertinente perceber de que maneira o coordenador de departamento, a quem foi confiada a supervisão pedagógica, entende essa supervisão e de que maneira ela é percebida, quer pelo coordenador quer pelos docentes. É neste âmbito que se insere esta entrevista, que desde já agradeço. Será mantido o anonimato e, depois de transcrita, poderá rever a entrevista.

Género: Feminino

Idade:55

Tempo serviço: 34

Anos de exercício do cargo de coordenador: Pelo menos...há uns 20 anos...e espero deixar de ser, agora...

Formação específica em Supervisão: Sim Não (riscar o que não interessa)

CD1 – Eu fiz...há 2 ou 3 anos...não me lembro...não posso precisar, a primeira que apareceu,...neste processo de avaliação, fez-se formação para os coordenadores, para os avaliadores... e eu fiz essa formação, de 50h.

Nº de docentes do departamento: Tenho 21

Grupos de recrutamento: São vários grupos de recrutamento...tenho grupo 200, grupo 400, grupo 410, grupo...depois tenho outros dos cursos profissionais de economia, tenho assim muito, muito...educação e moral ... é tudo no meu departamento.

ENT - Enquanto coordenador de departamento, que importância atribui à supervisão pedagógica?

CD1 – A importância necessária ao acompanhamento dos...a importância que tem o acompanhamento dos professores na evolução da sua atividade como professores e a informação que deve estar implícita nessa atividade.

ENT - Enquanto coordenador de departamento, considera-se um supervisor pedagógico?

CD1 – Não! Eu acho que a supervisão é uma coisa assim, um pouquinho imposta pelas circunstâncias da avaliação e do processo de avaliação, mas, também não nego que seja necessária no processo de formação dos professores ao longo da sua carreira, do seu percurso.

ENT - Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas com que se identifica e pratica enquanto coordenador?

CD1 – As que eu me identifico mais, acabam por ser aquelas que estão ligadas ao próprio trabalho da coordenação do departamento, tudo que seja para além disso acaba por ser uma novidade, não é?, e uma coisa em que não me sinto muito confortável...mas de resto, na questão da partilha das opiniões, de “ajuda” (digamos assim entre aspas), no que for necessário, nas pessoas que fazem parte do departamento, mas eu...acho que me encaixo mais, digamos assim, na questão da partilha das práticas...e mais assim a esse nível.

ENT - Que “pontes” encontra entre o trabalho supervisivo e a coordenação de departamento?

CD1 – Pontos comuns? Pontos comuns são esses...é o acompanhamento, é a orientação na prática, não é?...depois há a questão...que os pontos que se distanciam são as questões das classificações e da avaliação, não é?!...

ENT – Que diferença encontra entre informar e comunicar? Enquanto coordenador de departamento, nas reuniões, em encontros que tem com os colegas...

CD1 – Bom...informar, eu posso enquadrar aí na informação a questão, por exemplo, as informações que emanam do conselho pedagógico,...que são diretrizes, não é, muitas vezes superiores, que tem...que são muitas das vezes indiscutíveis, tem de se executar. A informação (comunicação), já implica uma opinião, há pessoas podem dar...Comunicação já implica uma opinião, uma opinião, ouvir opiniões, emitir opiniões, portanto, já há aí uma dinâmica diferente.

ENT- Que meios utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do seu departamento?

CD1 – Meios? Ora...utilizamos os meios que temos ao nosso alcance na escola...as novas tecnologias, não é, utilizamos a plataforma moodle, utilizamos o mail, comunicamos pelo mail pessoal...e depois as reuniões que se fazem, e depois também aquele...a sala dos professores, que é um bom meio de comunicação...

ENT - Considera que a forma como comunica algo é decisivo para na implicação que quem executa a tarefa?

CD1 – Sim. Isso é fundamental. Se nós, a pessoa que está a comunicar, digamos assim, ou até a dirigir, no meu caso, se não consegue explicar o seu projeto, a sua...ou aquilo que pretende e não consegue fazer com que as pessoas executem de uma forma, depois de o compreender, e executem de uma forma...interiorizem as coisas e reconheçam a validade das coisas, não se consegue nada. Se se conseguir isso consegue-se tudo...há um trabalho cooperativo e é isso que me esforço por fazer...tentar que os colegas percebam a importância das medidas, a importância daquilo que é necessário fazer e ...tentar trabalhar em conjunto para que se trabalhe, digamos assim, de bom agrado...

ENT – Tem algum exemplo presente, relativamente ...

CD1 - ...a uma situação destas?

ENT – Sim...

CD1 – Por exemplo, as atividades do departamento. Não se consegue mobilizar os colegas para determinadas atividades, que são importantes, se se...apenas se destacam as pessoas para fazer isto ou fazer aquilo, o trabalho sai de forma diferente se se conseguir fazer perceber e apresentar aquele projeto como válido, as pessoas trabalham de outra forma, com mais empenho e melhor e os resultados são mais produtivos. Haverá outros exemplos, por exemplo na questão mais didática, se...ao fazer uma planificação, por exemplo, as coisas podem ser apresentadas de uma forma “está aqui, isto é para cumprir!” ou podem ser “vamos ver o que é possível fazer!” e então podemos ter...até mesmo ao nível dos resultados dos alunos, se as coisas são trabalhadas dessa forma conseguem-se melhores resultados, no fundo tem a ver com o trabalho, quanto mais cooperativo melhor!

ENT – Disse atrás que costuma partilhar experiências. Que tipo de experiências partilha com os seus pares?

CD1 – As experiências pedagógicas, a questão, por exemplo que nós neste estamos neste momento a debater...a importância da questão do controlo da indisciplina...é um momento em que podemos mesmo ver o quão é importante mostrarmos a nossa experiência, sobretudo professores... ouvir a experiência de professores que, por exemplo, não têm tantos problemas com os alunos, comunicar com aqueles que têm mais problemas com os alunos; esta troca de experiências é fundamental. Quando nós conseguimos transmitir maneiras de atuar ou até ...tem também que ver com pedagogias, portanto...a nossa experiência...ao longo dos anos vamos adquirindo experiência, mas também os colegas mais novos, também têm uma forma de ver e uma forma de estar que...também trazem muito de bom, porque as coisas estão sempre em mudança e em transformação.

ENT - Considera importante existirem consensos nas equipas?

CD1 – Claro! Isso é fundamental, se não houver consenso há conflito e em conflito não se faz nada.

ENT – De que modo é que se pode chegar a esses consensos? De que modo é que se constroem?

CD1 – Eu acho que é...é quase como quem gere qualquer coisa, mal comparado, como é evidente, mas...um gestor, por exemplo, é uma pessoa que consegue fazer entender...fazer, digamos assim, ver aos outros a importância dos projetos que existem, fazer com que as pessoas os reconheçam e se empenhem neles. Na coordenação, mal comparado, será um procedimento deste tipo...se eu conseguir fazer ver...mostrar aos colegas e partilhar com eles a ideia de que é importante fazer isto ou fazer aquilo, fazer desta forma ou daquela...olha faz-se assim porque assim é muito melhor, por isto, por aquilo...se as pessoas conseguem interiorizar isso e reconhecem o valor e a validade dessas opiniões, funciona tudo muito melhor, senão...e portanto criar consensos...os consensos é isso, chegarem-se a acordos com cedências daqui ou dacolá, o entendimento ou o reconhecimento do valor das opiniões, de todas elas e, então, a partir daí ter uma atuação consensual.

ENT – Referiu já a importância do trabalho colaborativo entre pares, consegue identificar algum constrangimento nesse tipo de trabalho...realiza-se sempre bem?

CD1 – Sempre bem...não existe, não é o “sempre bem” isso seria o ótimo que é inimigo do bom...mas acho que de uma forma boa se consegue trabalhar, de uma

forma...há constrangimentos, às vezes, o que é que...os constrangimentos que eu sinto são de ordem...temporal, ou seja...a diversidade das situações...por exemplo, num departamento com 21 pessoas, com 20 e tal disciplinas diferentes, pessoas que moram em sítios diferentes, muitas delas a deslocarem-se...essa é a parte em que eu noto mais, o que é que custa mais aos colegas para fazer uma reunião é as pessoas que tem de ficar que moram longe, que têm de ficar mais tempo na escola, hoje passa-se muito tempo na escola, a escola muitas vezes não tem o espaço necessário e adequado a estas nossas tarefas, porque são...por exemplo, uma pessoa estar em reuniões de 2, 3,4 horas, quantas vezes estamos, muitas vezes ao frio, outras vezes...sem aquelas condições de conforto, mas isso...é uma das coisas que eu noto que cria algum constrangimento e depois a distância a que as pessoas estão, porque é complicado ficar em situação “pós laboral”, a nossa profissão é uma profissão muito desgastante, nós chegamos ao fim do dia...quem está um dia de aula sabe que depois chega ao fim do dia...já não está naquelas condições tão “frescas” para tomar até decisões, não é?, para discutir assuntos. Não vejo assim...vejo boa vontade nas pessoas, mas vejo alguns constrangimentos a esse nível. A nível temporal, a nível dos espaços e das condições...

ENT - A forma de entender a supervisão pedagógica pode, ou não, mudar a instituição/escola, concretamente as práticas educativas?

CD1 – Eu julgo que sim, não é?! Se tivermos uma postura de...dinâmica e ...pronto, esse tipo de trabalho...a experiência de uns passa a ser a experiência para outros e isso é que faz com que nós aprendamos a melhorar e nos esforcemos sempre para melhorar...uma das ideias que eu tenho para a minha prática e que eu tento também transmitir aos outros é isso. É que nós temos sempre a possibilidade de melhorar e que estamos sempre em evolução nesse sentido, para a melhoria e depois também não ter muito o espírito...nós sabemos que não trabalhamos em boas condições, estamos longe, trabalhamos muitas horas, neste momento a profissão de professor é uma profissão muito complicada, socialmente as coisas também não estão muito bem e portanto isso reflete-se tudo na escola, mas nós temos de...eu, como sou otimista por natureza também, por isso vejo assim um bocado as coisas...esforço-me por transmitir este espírito, não é?, porque vale mais nós sermos assim porque conseguimos as coisas mais positivas, do que sermos mais negativas e estarmos sempre a ver o lado mau das coisas, o lado mau, o lado menos bom e, portanto, tendo assim um espírito mais otimista nós estamos sempre abertos à aprendizagem e às novas experiências e à partilha, no fundo.

ENT – Já referiu que recorre às TIC no exercício supervisoivo! Considera que este tipo de recursos facilita a regulação que está associada ao trabalho supervisoivo?

CD1 – Facilita, facilita, facilita muito, por exemplo, nós temos agora aqui o exemplo, na escola, do dossiê digital, que deixamos de ... que está aberto à escola e o departamento funciona muito já, com menos papel e com mais material digitalizado ... temos esse dossiê e está ainda no início; mas penso que está a funcionar bem, podemos evitar muita deslocação à escola, eu posso comunicar com os colegas, coisas que aqui à uns anos era necessário estar sempre a reunir, andar sempre atrás dos colegas todo o dia na escola ... hoje não, em casa com calma comunica-se com mais facilidade.

ENT - Que relação estabelece entre a avaliação de desempenho docente e a supervisão?

CD1 – Ora bem ... (pausa) uma coisa implica a outra, não é?! Quer dizer, eu não posso fazer a avaliação dos docentes se não fizer, se não tiver uma atitude de supervisão. Já posso ter uma atitude de supervisão sem ter, sem fazer uma avaliação explícita, mas no fundo essa avaliação é sempre feita; a minha ... eu própria me avalio, me autoavalio em toda a minha ... em todo o meu processo. Eu fui avaliada este ano para a progressão na carreira e fui ... avaliada, mas eu também me autoavalio sempre e constantemente, na minha prática eu estou sempre a ver se consigo fazer melhor, o que fiz errado, aceito muito bem e gosto que me façam as críticas, críticas construtivas, claro que ninguém gosta de ser, digamos assim, maltratado, mas as críticas construtivas aceito-as e isso tem-me servido ao longo dos anos; olhe, se calhar para estar estes anos todos neste cargo, certamente, não sei.

ENT - Para si, a supervisão e avaliação são a mesma coisa?

CD1 – Supervisão e avaliação, não. A avaliação tem outras implicações, tem outros objetivos, para mim não é, quer dizer, eu supervisionar ... embora esteja implícita uma avaliação do trabalho, como está o meu, também o faço das colegas, mas é diferente. Eu vejo a avaliação ... quer dizer, eu neste momento não sei, posso até estar errada nesse sentido, mas eu vejo a avaliação como uma ... este tipo de avaliação e este modelo de avaliação, eu vejo como uma necessidade de progressão na carreira; isto trás logo implicações que não traria se não fosse com esse objetivo. Enquanto que a supervisão, para mim, tem em vista a melhoria da prática pedagógica. Não quer dizer que a avaliação de desempenho não tenha também essa função; aliás deve ter, nós

somos avaliados de outra forma, de uma forma mais ... e deve ter, mas eu acho que a supervisão, ao nível da coordenação do departamento que tem outra vertente, que é mais a vertente formativa. Não que dizer também que a avaliação de desempenho não tenha também essa vertente, mas, depois a partir do momento em implica ali uma progressão e depois o limite das pessoas terem acesso a essa progressão trás logo consequências, que não trás a supervisão pedagógica.

ENT – E considera então que é uma limitação, a avaliação de desempenho ...?

CD1 – Eu acho que ... o que eu notei ... eu não é o processo, não considero isso. O que eu considero são as consequências ... o que eu notei nestes anos em que, nestes três anos, em que fiz essa avaliação de desempenho, noto que isso causa...causou muitos conflitos, o que não acontece na supervisão pedagógica. Os conflitos poderão existir, mas são facilmente sanados e podem até aproveitar-se para melhorar, para melhorar as práticas, enquanto que na avaliação de desempenho já não é bem assim. Notei...algumas situações que foram difíceis de gerir entre os pares...

ENT – De que forma, no dia-a-dia das escolas a supervisão se reduz à avaliação de desempenho docente?

CD1 – Eu penso que não (a supervisão não se reduz à ADD). Em muitas escolas poderá ser que sim, mas, neste caso, considero que não. Nós temos tido ao longo dos anos, aqui e já o fazíamos antes da avaliação de desempenho, claro que a ADD veio criar aqui alguns desequilíbrios, algumas situações que nós nem sequer estávamos preparados para...nem sequer sabíamos que eles iam acontecer, deparamo-nos com eles ao longo do processo, mas aqui na escola nós temos...o historial da nossa escola é um historial de empenho para a melhoria, até dos espaços físicos, nós colaboramos nesse sentido e isso, ao nível dos departamentos notou-se, no meu particularmente, eu falo mais no meu, mas de modo geral, os professores têm-se empenhado em melhorar, em melhorar as suas práticas, no global isso tem acontecido, não que pareça que isso seja muito...ao nível da avaliação de desempenho, penso que isso aí não está tão presente.

ENT - No desempenho do seu cargo, qual ou quais as maiores dificuldades que sente?

CD1 – No desempenho do meu cargo, isto foi evoluindo muito ao longo dos tempos. Em 20 anos as coisas modificaram-se muito. Neste momento é uma questão de tempo

mesmo; o tempo e a diversidade...são muitas pessoas e o grupo, quanto maior é o grupo mais difícil ele é...e é uma questão de tempo, de conciliar o tempo do coordenador com o tempo dos colegas, e depois o problemas dos espaços; muitas vezes nós temos o tempo e depois não temos o espaço (como aconteceu ainda agora)...de resto...não noto assim...por exemplo, eu sei que há escolas em que as pessoas se queixam, que há dificuldade de comunicação com a direção, com...não noto aqui nada disso, não...

ENT – E entre pares, dentro do departamento?

CD1 – Há sempre aquelas divergências, mas isso não tem sido, pelo menos não tenho notado que isso tenha sido um entrave ao trabalho e ao...as divergências são naturais, às vezes, há um ou outro conflito pessoal, próprio da condição humana, isso é normal em todo o local de trabalho; acho que sim, que a avaliação de desempenho veio um pouco evidenciar essas situações, levantou algumas questões, mas neste momento, penso que está tudo pacífico. Tentamos também gerir um pouco isso e as coisas vão evoluindo no sentido positivo, penso eu.

ENT – Muito obrigada pela entrevista!

ENTREVISTA AO COORDENADOR DE DEPARTAMENTO 2 (CD2)

ANEXO SEIS

DATA: 18/04/2012

HORA: 16h30m

LOCAL: Sede agrupamento (sala de reuniões, sem interferências)

DURAÇÃO: Aprox. 23 minutos (estavam disponibilizados 1h)

Ent.- Boa tarde! Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as conceções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica, a apresentar à Escola Superior de Educação Paula Frassinetti e tem por objetivo conhecer as perceções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma.

Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: Feminino

Idade: 42

Tempo serviço: 14 anos

Anos de exercício do cargo de coordenador: menos de 1 ano

Formação específica em Supervisão: Não

Nº de docentes do departamento: 32. Está a alterar porque são colegas contratados, ora vão, ora vêm...

Grupos de recrutamento: 5 grupos de recrutamento (matemática, físico-química, ciências, informática e as “agriculturas” (cursos CEF)

ENT - Enquanto coordenador de departamento, que importância atribui à supervisão pedagógica?

CD2 – Eu penso que é bastante importante a supervisão pedagógica. É assim, o meu conceito de supervisão pedagógica e aquilo que eu fui adquirindo e, sou sincera, ... o que adquirir em termos de supervisão pedagógica foi aquilo em que me fui debruçando, porque nunca me foi transmitido na minha formação (inicial) por assim dizer, esse conceito. A supervisão pedagógica consiste em algo, ou é ... o supervisor tem um papel, deverá ter um papel regulador no ensino, embora eu, da perceção que eu tenho dos colegas, eles entendem o supervisor como a pessoa “má” que vai, por assim dizer, dar-lhes uma nota negativa, ou estão sujeitos àquela pressão. Se bem que, do meu ponto de vista, não deve, não é minimamente isso o papel do supervisor.

ENT – E enquanto coordenador de departamento, que está a exercer ainda à pouco tempo, considera-se um supervisor pedagógico?

CD – ... Não.

ENT – Não acha que poderia, ... mas as funções que exerce não permitem que seja supervisor pedagógico?

CD – No tempo, no espaço, que nos é facultado, não é minimamente possível, não ... dentro da noção que eu tenho da supervisão pedagógica, não é minimamente possível. Não nos é dado tempo sequer, para ...

ENT – Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas com que se identifica e pratica enquanto coordenador?

CD – Enquanto coordenador e, sou sincera, faço o “mea culpa”, por causa de falta de tempo, não é ... mas, estou mais próxima dos grupos onde habitualmente me..., com os quais me enquadro mais, embora entenda a minha posição, e fui “apanhada de surpresa”, porque estou no cargo há relativamente pouco tempo e vou solicitando ajuda daqui e dali para alguns aspetos. Enquanto coordenadora, e entendendo o meu papel de supervisora, neste caso, ... o que é que eu vou fazendo, ao nível do meu grupo disciplinar, partilhamos, trabalhamos colaborativamente, ... e tento promover essa ... essa ideia, junto dos colegas do departamento do qual coordeno. É basicamente isso.

ENT – Tem algum exemplo específico da partilha ou da colaboração que tem com os colegas?

CD – Eu no meu departamento há um grupo que trabalha especificamente bem, nesse aspeto, porque lhes é dado tempo para isso, que é o grupo de matemática; no âmbito do PAM. Eles estão, do meu ponto de vista, a fazer um excelente trabalho, porque efetivamente há um tempo, de 15 em 15 dias, onde eles vão partilhando as experiências que vão tendo com as diferentes turmas, embora eles, obviamente, todos eles acabam por apanhar alunos diferentes, e vão trocando experiências e ao mesmo tempo ... acabam por aprender um bocadinho uns com os outros. Basicamente é isso que eu consigo ver. Também trabalham um bocadinho o papel da motivação, porque vão divulgando resultados e, de alguma forma, incentivando os alunos que têm resultados mais ... menos positivos, a alcançar, portanto se estão abaixo de uma média ou acima da média, a fazê-los avançar um bocadinho mais.

ENT – Está mais relacionada com as aprendizagens?

CD – Exatamente.

ENT – E com o sucesso educativo?

CD – Exatamente.

ENT – Que “pontes” encontra entre o trabalho supervisão e a coordenação de departamento?

CD - Eu como estou nisto há muito pouco tempo, sou sincera, para mim é um trabalho muito ... ainda ambíguo, acabo por estar um bocadinho, ora de um lado ora de outro e não consigo ...

ENT – Que diferença encontra entre informar e comunicar?

CD – Informar, basicamente, é transmitir informação, comunicar consiste em partilhar algo, ouvir, transmitir informação mas ao mesmo tempo ouvir... como é que eu hei-de dizer, ser... ser um agente proativo, no aspeto da informação, querer atuar; ao mesmo tempo que estamos a comunicar estamos a atuar, a intervir, por assim dizer, quando algo não está correto.

ENT – Ao nível do departamento como é que realiza... acha que informa os colegas, procura comunicar com eles, ouvir as opiniões...

CD – Basicamente, nesta altura... basicamente tento ter um papel mediador quando... numa primeira fase informo, tendo a transmitir as informações que dão do pedagógico, mas sempre que há algum aspeto a ... discutir, a ouvir parecer, é precisamente isso que eu faço. Deixo que os colegas, primeiro...e depois então transmito as minhas opiniões. É um bocadinho por aí.

ENT – Que meios utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do seu departamento?

CD – Uso o computador para transmitir informações, mas... é um bocado informal.

ENT – Mas através de mail, ou de uma plataforma da escola...?

CD – Sim, uso a plataforma moodle, basicamente temos também ali o nosso espaço de comunicação (sala dos professores), ou então presencialmente, sempre que posso prefiro fazê-lo em conversas informais. Em contacto pessoal...

ENT – Faz também reuniões...

CD - Sim, reuniões. As reuniões normais, o... por aí...

ENT – Usam também o dossiê digital da escola...?

CD – O dossiê digital é basicamente para arquivo de testes, não é para... testes, convocatórias, aquelas matrizes que fazemos no início do ano...

ENT – Desses meios que falou, qual é o que acha, que se, calhar poderá passar mais depressa, ou mais eficazmente a comunicação? Nos encontros informais, nas reuniões...?

CD – É assim... eu passar a informação obviamente que pelo computador consigo chegar a toda a gente ao mesmo tempo, o que é certo é que nem sempre tenho o mesmo efeito que se for presencialmente, as pessoas deixam sempre para o... para depois, para amanhã... e para cumprirem com os prazos.

ENT – Considera que a forma como comunica algo é decisivo para a implicação que quem executa a tarefa?

CD – Sim. Eu não tenho uma atitude minimamente impositiva, aliás, não faz parte... eu não me acho minimamente... embora as pessoas tenham entendido assim, eu não me acho uma pessoa minimamente com perfil para estar numa coordenação...

ENT – Então o que é que acha que falta, o que deve ter uma pessoa com esse perfil, para estar na coordenação?

CD – A... eu não sou uma pessoa minimamente impositiva, e acho que, por vezes, não digo que seja estritamente necessário, mas, como lidar com o ser humano é,... e gerir relações humanas é muito complicado, eu... não tenho o perfil de estar a impor nada a ninguém, quando... e então para mim é um bocado complicado e vou sempre até à última, sempre que quero alguma coisa ou que me é solicitado algo a mim e que não depende estritamente de mim, deixo andar até que a pessoa acabe por me facultar aquilo que é necessário...

ENT – Diga-me uma coisa, refere aí a dificuldade em gerir os conflitos, em gerir os conflitos não, em gerir as situações ou pessoas e que... para ser coordenador uma pessoa deveria ter esse perfil?! De gestor, é isso? Gestor interpessoal?

CD – Sim. Acho que sim, acho que... eu não é receio, não digo que seja receio... não faz parte da minha pessoa, no meu dia a dia, com os valores que me foram transmitidos... chegar ali e dizer “olhe, não, não, É hoje, acabou, já foi dado mais que tempo e tens de me entregar, ou...” não faz parte...

ENT – Já deu o exemplo, no caso de trabalhos que às vezes sejam solicitados...?

CD – Não entregam atempadamente e é-me colocado um prazo a mim... obviamente que... e é trabalho que eu nem sequer, por exemplo, nessas circunstâncias eu se puder fazer o trabalho, eu faço e não ponho em causa a outra pessoa, passa um bocadinho por aí...

ENT – Costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares?

CD – Sim, sempre. Sempre que possível.

ENT – De que tipo?

CD - ... Sei lá, situações de indisciplina, como é que as resolvemos, situações de transmissão de um conteúdo, estou a falar do meu grupo em particular, ... a realização

de uma determinada atividade experimental, se calhar é boa para introduzir aquele, conteúdo, se essa atividade experimental é melhor ser feita no início ou depois, no final, qual foi, por assim dizer, a receção dos alunos a esse tipo de atividade que eu introduzi.

ENT – Considera importante existirem consensos nas equipas?

CD – Sim também acho importante existir alguma discórdia, desde de que saudável, obviamente, porque é da partilha desses pontos de vista contrários que às vezes se acaba por, por chegar... porque se todos à partida concordamos com uma coisa... digamos que vão haver pontos de vista dispares, no sentido de tornar algo mais rico, que se calhar não teríamos pensado naquele pormenor, não é, e poderá ter alguma influência na decisão ou naquilo que pretendemos alterar...

ENT – Isso já é uma forma de construir um consenso?

CD – Exatamente. Obviamente vamos... todos caminhamos para o consenso, tendo o ponto de discórdia, mas... o que eu... a minha ideia... quando eu digo discórdia no sentido de... termos opiniões diferentes, pontos de vista diferentes e... no meu departamento nesse aspeto não tenho qualquer problema, não tive até hoje.

ENT – Mesmo tendo pontos de vista diferentes sobre um assunto, conseguem chegar a um consenso...

CD - Sim, sim, e normalmente as pessoas atuam pacificamente.

ENT – Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares?

CD - ... O que eu noto sistematicamente é quando se pede, por exemplo, a nível de departamento a discussão sobre uma determinada temática, o constrangimento é sempre de tempo, sinto... tudo está sempre com imensa pressa para ir embora, depois acabam por não... o que se nota um bocadinho é isso, é que não existe tempo para que as pessoas consigam cruzar pontos de vista; tudo é feito um bocadinho... cada um faz a sua parte e depois chegam ali e “esta encaixa aqui esta encaixa ali” e depois não há um encaixe perfeito porque como um ... digamos que não há fusão.

ENT – Considera que se todos os docentes e o coordenador de departamento tivessem mais tempo para dedicar à colaboração, acha que as coisas poderiam ser diferentes?

CD – Sim, sem dúvida. Isso é mais do que obvio, porque nota-se... em todos os grupos disciplinares, e nós até temos bastantes, somos bastantes docentes no departamento, nota-se precisamente isso, que existe, apesar de os colegas serem e... pronto o exemplo que eu dei do grupo de matemática que funciona bastante bem, porque lá está, eles têm esse tempo adicional, têm um tempo para estar, é que estão mesmo todos juntos e partilham e têm tempo de pensar estratégias no sentido de colmatar dificuldades que um dos colegas, por exemplo, evidencia, porque há colegas que têm turmas mais problemáticas, as do 7º ano, há duas ou três turmas bastante problemáticas e os colegas, de algum modo acabam por ajudar, por assim dizer, ou dando dicas, ou no sentido de conseguirem estratégias para colmatar essas dificuldades.

ENT – A forma de entender a supervisão pedagógica pode, ou não, mudar a instituição/escola, concretamente as práticas educativas?

CD – Com o conceito que eu consigo ver, daqueles que me rodeiam, não me parece que vamos por lá, por aí... daquilo que eu sei que é a supervisão pedagógica se realmente as coisas funcionassem assim... penso que sim, mas não é o conceito que prevalece no dia a dia dos elementos que fazem parte dos departamentos.

ENT - Recorre às TIC no exercício das funções supervisivas?

CD – Sim, sim, (contatar colegas por mail, usava a plataforma moodle).

ENT – E considera que as TIC facilitam a regulação do trabalho que está ligado à supervisão?

CD – Sim. O registo da informação, eventualmente num determinado momento querer contatar com os colegas é sempre um meio mais fácil, obviamente, sem dúvida. Aliás... na partilha da documentação; aliás todas as grelhas relativamente a processos avaliativos, tudo isso está disponível através da ferramenta Tic.

ENT – Que relação estabelece entre a avaliação de desempenho docente e a supervisão?

CD – (suspiro) a avaliação de desempenho docente não tem nada a ver com,... a que em vivência... não tem nada a ver, com o conceito de supervisão que eu entendo, nada... minimamente. Não há nenhum trabalho regulador sobre o desempenho que o professor tem, portanto, digamos que o supervisor e, tem sido assim, é uma pessoa

que só está presente basicamente na aula, em que avalia, quando... são solicitadas aulas observadas, e... basicamente... depois na análise do relatório que o colega acabou por realizar. Por aí...

ENT – Considera que supervisão e avaliação são a mesma coisa?

CD – Não...

ENT – O que entende por supervisão e o que entende por avaliação?

CD – A avaliação de desempenho que eu vivenciei... até à data, resumiu-se basicamente a isso: ter duas aulas observadas... obviamente que eu, dentro daquilo que me foi pedido tentei reunir, por exemplo, na colega que era contratada e era do meu grupo disciplinar... tentei... falar com ela, antes da aula observada, após a aula observada, dizer o que esteve bem, o que não esteve, do meu ponto de vista, o que é que eu encontrei menos bem,... e posteriormente a análise do relatório dela e a atribuição da respetiva classificação. Eu acho que a supervisão implicava um papel regulador, um acompanhamento mais na proximidade, digamos que mais... (sistemático?) sistemático não, mas mais... presente, mais presente, não... e não sei... para mim é de todo inexplicável que a pessoa marque as aulas observadas; não passa por aí, porque lá está, a pessoa marca as aulas observadas com que intuito, não é?! O conceito de supervisão para mim acaba por ser um bocadinho aquela supervisão inicial que nós temos com o nosso orientador de estágio... eu não tive orientador de estágio, mas tenho uma mínima ideia do que é, em função das vivências que vão partilhando comigo, será alguém que está ali, que nos está a acompanhar e que nos vai dizendo aquilo que está bem, aquilo que está menos bem, “não faças assim, faz assado”, portanto, para irmos experimentando e ir corrigindo aquilo que está menos bem e não há tempo na avaliação de desempenho não há esse... esse espírito.

ENT – De que forma, no dia-a-dia das escolas a supervisão se reduz à avaliação de desempenho?

CD – É basicamente isso... a supervisão é a avaliação de desempenho, acaba por ser um bocadinho isso... e a partilha que seria o... trabalho colaborativo, o ver o que é que está mal, que passos é que temos de dar para corrigir aquilo que não está... menos bem... acaba por não se fazer... é aquele ponto de reunião, quando falo de reunião é reunião de departamento, é esse ponto de encontro, são transmitidas as

informações, e a discussão, praticamente que não existe, a menos que seja quase, um bocadinho imposta.

ENT – No desempenho do seu cargo, qual ou quais as maiores dificuldades que sente?

CD - ...(Suspiro) Ora bem... é sim, obviamente não tendo tido qualquer formação a esse nível, a ausência de formação, obviamente... basicamente é isso... a ausência de qualquer tipo de formação para desempenhar o cargo. Nunca fui preparada nesse sentido.

ENT – Pensa que não ter formação, por sentir que lhe fazia falta essa formação, sente que os colegas, os docentes do departamento também, têm essa noção, em relação à...

CD – Eu penso que não transmito essa mensagem, embora seja... a esse nível sinto interiormente alguma insegurança. Sinceramente.

Muito obrigada pela entrevista!

ENTREVISTA AO COORDENADOR DE DEPARTAMENTO 3

ANEXO SETE

DATA: 20/04/2012

HORA: 16h45m

LOCAL: Sede agrupamento (sala de aulas, sem interferências)

DURAÇÃO: Aprox. 20 minutos (estavam disponibilizados 1h)

Ent.- Boa tarde! Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as concepções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica, a apresentar à Escola Superior de Educação Paula Frassinetti e tem por objetivo conhecer as percepções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma.

Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: Feminino **Idade:**48 **Tempo serviço:** 26 (iniciou em 1986) **Anos de exercício do cargo de coordenador:** cerca de 10 anos

Formação específica em Supervisão: Fiz algumas ações propostas pelo ME. De avaliação e havia uma das unidades que era supervisão pedagógica

Nº de docentes do departamento: 24, 26 **Grupos de recrutamento:** mais de 4

ENT - Enquanto coordenador de departamento, que importância atribui à supervisão pedagógica?

CD1 – Eu acho que é importante ainda que pense que não tenho dedicado muito tempo a supervisionar, ou pelo menos... na aceção da palavra "supervisionar" acho que é um trabalho que ainda não está muito... desenvolvido... acho que não... ainda é muito incipiente.

ENT – O que entende por supervisão?

CD – Supervisão no sentido de acompanhar mais de perto o trabalho feito pelos colegas, no dia-a-dia, semana a semana, porque as reuniões de departamento, são neste momento de duas por período, exceto as língua portuguesa que são semanais e aí sim, acho que há um acompanhamento muito maior dos colegas, mas nas restantes disciplinas esta supervisão ainda terá de ser muito, muito incrementada.

ENT - Enquanto coordenador de departamento, considera-se um supervisor pedagógico?

CD - ... É uma resposta difícil essa. Supervisor no sentido de estar a regular, não, não me considero supervisora, enquanto reguladora. Supervisora enquanto implementador de atividades, de estratégias, de auxílio, de articulação com o companheiro, em termos de trabalho, acho que sim.

ENT - Com todos os colegas do departamento ou mais com os que referiu, que tinham reuniões...

CD – O trabalho mais assíduo é com os colegas de língua portuguesa, porque estou semanalmente com eles durante um bloco de 90 minutos, com os de língua inglesa menos, muito menos, porque só nos encontramos esporadicamente nos intervalos, em horários muito diferentes que temos, portanto, não dá para um acompanhamento muito regular e assíduo. Com os de francês, como também só somos três elementos, aí também há um trabalho mais de perto...sim, acho que sim...

ENT - Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas com que se identifica e pratica enquanto coordenador? (necessário clarificar, repetir)

CD – Sobretudo na troca de materiais, de instrumentos de trabalho, acho que é isso que estamos a implementar mais este ano, numa perspetiva de articularmos melhor os ciclos de estudo, o 2º ciclo com o 3º ciclo, sobretudo na língua portuguesa, porque estão a implementar o novo programa e a nova terminologia e temos trabalhado mais essa área.

ENT – O que referiu, em termos de acompanhamento e regulação, aí já sente...

CD – Mais dificuldades. Regulação não; neste momento não “regulo” nada, não sou reguladora, neste momento, acho eu.

ENT – Relativamente àquilo que referiu ia-lhe pedir um exemplo de uma partilha de materiais para...

CD – Sim instrumentos de trabalho em conjunto.

ENT - Que “pontes” encontra entre o trabalho superviso e a coordenação de departamento?

CD – Talvez neste momento seja mesmo mais coordenadora do que supervisora, creio eu, supervisora no sentido de estar... como é que hei de dizer... supervisora-inspetora, não, não sou, decididamente... colaboradora, assim mais a coordenadora e é esse mais o meu papel.

ENT – Que diferença encontra entre informar e comunicar?

CD – Informar associa mais a transmitir, ou passar conhecimentos emanados de outras instituições que fazem parte do agrupamento e sobretudo da diretora; comunicar, aí já é mais trabalho em conjunto que é feito a partir das informações e a partir de outro trabalho inerente do departamento. Posso, por exemplo, referir como informo as atividades que se realizam na escola, quer dentro do departamento, quer dentro de todo o agrupamento, estou-me a referir àquelas atividades que se vão fazendo durante o ano letivo... em termos de comunicar é mais de transmissão, ligação, encadeamento de trabalhos inerentes à coordenação.

ENT – Que meios utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do seu departamento?

CD – Para além das reuniões, encontros casuais na sala de professores, qualquer outro espaço que faz parte... até na própria ida de um bloco para outro às vezes, é um meio de comunicarmos; o mail, o moodle, há vários processos.

ENT – Considera que a forma como comunica algo é decisivo para a implicação que quem executa a tarefa? (Após repetição: O modo como comunica faz com que eles se sintam mais empenhados em realizar o que é proposto?)

CD – Eu creio que sim, que é importante a forma como se comunica com os colegas. Assumir um tom autoritário, provavelmente não serei tão bem ouvida como se estivesse a comunicar algo que eles acham que eu faço parte, sou mais um membro do que propriamente alguém que está ali só para transmitir informações.

ENT – Não se importa de dar um exemplo.

CD – Por exemplo, acabo agora de ter uma reunião da língua portuguesa e estive a informar de...que a matriz das provas de exame de equivalência á frequência deixou de ter esse nome e passou a ser “informação-exame” e que agora terá uns novos moldes de funcionamento. Ora se eu me limitasse só a informar e não estar ali com os colegas a mostrar como é, a comunicar, talvez não fosse tão compreendida e o trabalho não viesse a resultar tão bem.

ENT – Costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares?

CD – Sim.

ENT – De que tipo?

CD – Das várias ações que vou fazendo, dos conhecimentos que vou adquirindo nas várias, sei lá... várias comunicações que tenho com colegas de outros agrupamentos. E vou sempre partilhando. Às vezes até para tirar dúvidas, às vezes... sei lá, relativamente ao currículo de... um conteúdo qualquer de uma das disciplinas, estou a pensar, por exemplo, no 12º ano o Francês... cá na escola é a 1ª vez que estamos a ter o 12º ano e eu tenho de obter informação com outras colegas de outros agrupamentos e depois também dentro do departamento, ainda que os colegas possam não estar a lecionar a disciplina, mas já lecionaram em anos anteriores e eu tento adquirir novos conhecimentos com eles, partilhar, transmitir informações.

ENT – Isso tem a ver com os conteúdos, com os currículos e relativamente à prática, por exemplo, o sucesso dos alunos...??

CD – Aos resultados escolares... por exemplo, aí poderia falar na disciplina de francês; eu falo de francês porque neste momento sou professora de francês, embora seja também de português, mas estou a lecionar só francês... por exemplo, nos resultados escolares de francês do 11º ano... ou do ensino secundário de francês, que são resultados menos bons e eu procurei saber entre os vários fatores que podem influir nos resultados, procurei informar-me junto das outras escolas, para ver se as

coisas eram idênticas e acabei por verificar que naquelas escolas onde francês é a língua estrangeira I, os resultados são diferentes onde a é língua estrangeira II, porquê? Porque há um hiato entre o 9º ano, 3º ciclo final e o secundário; os alunos passam do nível 3 para nível 6 e ficam com um hiato que, por muito que trabalhem com eles, os resultados nunca vão ser muito bons.

ENT – E aqui, na escola, não teve possibilidade de trocar, partilhar essas experiências com os colegas de departamento?

CD – Partilhei no sentido de mostrar o porquê a dificuldade, agora em conjunto com os colegas, sobretudo com os de inglês, que são a língua estrangeira também, tentei ver como ultrapassar essa dificuldade, desse hiato de tempo, e acabamos por concluir que talvez com a realização das provas dos anos anteriores, feitas pelos alunos e pelo GAVE, a ver se ajudava.

ENT – Considera importante existirem consensos nas equipas?

CD – Não precisamos estar sempre de acordo, mas é interessante que cheguemos a conclusões consensuais, e ser consensual não significa que estejamos sempre de acordo, nem que tenhamos todos a mesma opinião, devemos discutir, de modo depois... e é isso que tentamos fazer, quase sempre num grupo tão grande, à volta de vinte e cinco elementos, há sempre opiniões contrárias e é bom que hajam, mas depois teremos de chegar a consenso, de modo a atingirmos um objetivo comum. Por exemplo, os resultados escolares...temos opiniões diferentes de modo a arranjar estratégias para atingir o sucesso, consoante os níveis que temos, se são alunos do 5º ano ou do 12º ano, a abordagem é diferente; e depois a partilha de opiniões dos colegas do 5º ano, às vezes, não vão de encontro às do 12º e vice-versa, mas quando conversamos em conjunto às vezes até encontramos uma linha condutora que nos permite chegar a um consenso geral.

ENT – Como é que chegam a esses consensos?

CD – Discutindo uns com os outros nas reuniões...

ENT – Partilhando opiniões...?!

CD – Sim, sim, através da partilha de opiniões.

ENT - Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares?

CD – É a falta de tempo e de um espaço próprio para discutirmos essas opiniões, como dizia inicialmente, só duas vezes por semana para um departamento tão grande é complicado.

ENT – Duas vezes por mês?!

CD – Eu disse por semana?! Desculpe, duas vezes por período. Ainda é mais longo... semanalmente é que é só uma das disciplinas, e ao termos essas duas situações tão díspares é que nos fez perceber ainda mais que é importante trabalharmos mais sistematicamente em conjunto.

ENT – A forma de entender a supervisão pedagógica pode, ou não, mudar a instituição/escola, concretamente as práticas educativas?

CD – Eu acredito que sim, por que se ficar enraizado em todos os elementos do departamento que supervisão é um trabalho colaborativo e não supervisão sinónimo de inspeção, de regulador, se virmos isso nesses moldes e não virmos supervisão como estarmo-nos a intrometer nos trabalhos dos outros, mas sim colaborar com ele de modo a obter o melhor resultado, acho que sim, que terá um objetivo positivo. Agora, supervisão – regulação é que não é visto numa perspetiva muito positiva...

ENT – Sob a sua perspetiva enquanto coordenador de departamento ou enquanto docente?

CD – Eu acho que nas duas perspetivas, eu não consigo dissociar um do outro. Eu sou coordenadora mas também sou professora. Também eu própria não gosto que venha agora um elemento exterior e que se venha impor sem me ouvir; se vier partilhar comigo, e trabalhar comigo, terei sempre a minha porta aberta.

ENT – Recorre às TIC no exercício supervisivo? Considera que este tipo de recursos facilita a regulação que está associada ao trabalho supervisivo?

CD Sim, sim, às vezes, nem sempre posso recorrer às TIC, porque há constrangimentos. Eu trabalho em blocos, monoblocos... às vezes tenho disciplinas onde só tenho o quadro negro, não posso recorrer às TIC...

ENT – ... E para comunicar com os colegas, no trabalho de coordenação costuma recorrer às TIC?

CD – No trabalho de coordenação sim. Portanto utilizo... nas reuniões procuro sempre ter uma sala onde tenha acesso fácil ao quadro interativo e um quadro normal, e para comunicar à distância, quando não é em presença, utilizo o mail ou moodle.

ENT – Que relação estabelece entre a avaliação de desempenho docente e a supervisão?

CD – Desempenho... avaliação de desempenho, essa ainda é uma questão complicada de gerir... não está fácil... portanto... é uma questão delicada, tem ainda um certo conflito, acho eu, acho que não tem sido muito positivo para um bom clima da escola...

ENT – E considera que está relacionado a avaliação de desempenho com a supervisão?

CD – Não sei se estará... porque... quer enquanto coordenadora, quer enquanto docente eu, e acho que os meus colegas também, ainda não percebemos como é que estes modelos de avaliação de desempenho contribuem ou têm sido positivos no nosso trabalho enquanto docentes; não nos parece, pelo menos esta é a minha opinião pessoal, não nos parece que ele (modelo de avaliação) tenha colaborado para obter melhores resultados. ... Deduz-se que não estou muito a favor destes modelos de desempenho que têm sido desenvolvidos nas escolas.

ENT – Para si, a supervisão e avaliação são a mesma coisa?

CD – Se a avaliação e a supervisão... Eu acho que há nuances, que não são exatamente a mesma coisa. Há pontos que convergem, mas que não são exatamente a mesma coisa. Porque avaliar é diferente de supervisionar, creio eu. Avaliar é “medir” os resultados, enquanto supervisionar, é mais estar como acompanhar, ajudar, colaborar; pelo menos é assim que eu entendo.

ENT – De que forma, no dia-a-dia das escolas a supervisão se reduz à avaliação de desempenho docente?

CD – Voltamos à questão do tempo, dos espaços que são muito exíguos, e não que dá para... desenvolvermos bem esse tipo de atividade, quer de coordenação, quer de supervisão; não há tempo suficiente...

ENT – E pensa que nas escolas a supervisão está muito remetida para a avaliação de desempenho...?!

CD – Sim, sim. Neste momento, está... acho que estão um bocado confundidas uma com a outra, não há ainda uma... um destrinçar do que é uma coisa, do que é a outra. Supervisionar, penso eu, que está ainda muito confundido com regular; inspecionar; mais inspecionar, é um bocado o papel do inspetor.

ENT – No desempenho do seu cargo, qual ou quais as maiores dificuldades que sente?

CD – Eu... o não ter os momentos suficientes, ou melhor, horas definidas para reunir com os colegas, de modo a poder desenvolver o trabalho que pretendo. Acho que é, que neste momento não é suficiente.

Muito obrigada!!!

ENTREVISTA AO DOCENTE DEPARTAMENTO 1 (D1)

ANEXO OITO

DATA: 24/05/2012

HORA: 16h30m

LOCAL: Sede agrupamento (sala de aula, sem interferências)

DURAÇÃO: Aprox. 15 minutos (estavam disponibilizados 30m)

Ent.- Boa tarde! Esta entrevista insere-se na realização de um trabalho de mestrado, relativo à supervisão pedagógica. Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as concepções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica e tem por objetivo conhecer as percepções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma. Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: Feminino

Idade:51

Tempo serviço: + de 20 anos

Formação específica em Supervisão: Não

ENT - Enquanto docente, que importância atribui à supervisão pedagógica?

D1 – É muito importante. Facilita a ...entrajuda, o ensino, sem dúvida nenhuma que é muito importante.

ENT – Reconhece/identifica o coordenador de departamento como supervisor pedagógico? Em que sentido?

D1 – Temos que ser todos, não é preciso ser o coordenador de departamento. Não o identifico como um supervisor. O coordenador, não. Identifico uma colega que tem a

tarefa acrescida de coordenar o departamento, mas a iniciativa deve estar em cada um.

ENT – Considera que, para o exercício do cargo de coordenador de departamento, é fundamental a formação especializada em supervisão?

D1 – Eu não vejo muito, não sei se bem ou mal, mas não vejo muito o coordenador de departamento como um supervisor. Vejo-o como um colega igual e no departamento ele só tem o trabalho de transmitir as informações do pedagógico e pô-los a conversar e a trabalhar em conjunto, acho eu, todos devemos... fazer formação e melhorar, mas, pronto, pode facilitar. Eu sei que é ele que avalia e isso, supervisão, leva logo para avaliação. Eu sei que ele é obrigado a avaliar, mas não o vejo como um supervisor.

ENT – Considera que coordenador de departamento e supervisor são a mesma coisa?

D1 – Não. Não para mim é como a palavra diz um coordenador tem de coordenar e ver que as coisas se fazem. Supervisionar, não sei, essa palavra faz-me parecer um bocado, um polícia. Não gosto da palavra e acho que todos temos de contribuir de igual maneira, não há ninguém que deva cruzar os braços e deixar correr.

ENT – Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas que identifica no coordenador de departamento? Sendo todos a trocar ideias, a partilhar...

D1 – Tem qualidades no aspeto em que a supervisão ...faz avaliação, tem as qualidades, sim. Se tem qualidades para ser supervisor? Tem...

ENT – E quais são as funções que o coordenador pode ter relativamente ao supervisor? Faz acompanhamento de prática, não faz, promove-a, partilha matérias de ideias...

D1 – Sim, um supervisor deve fazer isso, sim. Promover... sim.

ENT – De que modo o coordenador de departamento realiza o acompanhamento da prática pedagógica perante os docentes do seu departamento?

D1 - ... de que modo... nas reuniões fala-se, e às vezes também na sala dos professores, o que estamos a dar, como fazer, trocamos, muito informalmente, trocam-se opiniões, via email, também. Falando também de Português, como estou nos dois

departamentos, de Português e de História, conversamos, ajustamos... e muitas vezes quando não é nas reuniões, é também por email que decidimos testes e assuntos de avaliação... mas muitas vezes informalmente, sim.

ENT – Que meios o coordenador de departamento utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do departamento? Já referiu os meios...

D1 – O e-mail e informalmente também e as reuniões.

ENT – Considera que a forma como o coordenador de departamento comunica algo está adequada à forma como os docentes executam as tarefas propostas?

D1 – Sim, sem dúvida. Sim. Tanto em Português como em História. As informações nas reuniões são bem... transmitidas e nós percebemos e passamos a informação.

ENT – Pela maneira como o coordenador de departamento está a comunicar algo os docentes sentem...

D1 – Clareza... sim.

ENT – E sentem-se motivados para realizar a tarefa? Ficam com dúvidas...

D1 – Não, não. Isso, nesse sentido não, claramente não. Clareza sim. Agora a motivação, isso ia-nos levar a outro assunto, muito mais vasto, que é a maneira como os professores são tratados, as condições de trabalho, essas coisas todas, que se calhar não é o que quer!?

ENT – Então nesses momentos o coordenador de departamento é...

D1 – É um facilitador de comunicação, de bem-estar entre as pessoas, sem dúvida nenhuma. Não é uma pessoa autoritária, está ao nosso nível, nada a dizer.

ENT – O coordenador de departamento costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares? De que tipo?

D1 – Às vezes, sim. Muitas vezes informalmente, porque às vezes as reuniões são direcionadas para transmitir determinadas informações, têm uma agenda e não é muito... por exemplo, no departamento cada professor pode fazer formação, já houve umas colegas que apresentaram uma formação a que foram, portanto não é o coordenador...

ENT – Mas o coordenador pode promover essa partilha...

D1 – Sim, e fez. Sim.

ENT – Considera importante existirem consensos nas equipas?

D1 – (Respirando fundo) Bom, a palavra consenso quer dizer, de uma forma democrática?! Às vezes o consenso, não sei de que maneira está a pensar em consenso; temos todos de pensar igual, claro que não, nem pensar. Porque conseguimos, respeitando a personalidade de cada professor, a maneira de trabalhar de cada um, sim. Chegar a um consenso, não no sentido negativo, mas chegar a um trabalho final, acho que sim.

ENT – Partindo de opiniões diversas...?

D1 – Sim, acho que sim.

ENT – Considera importante as opiniões diversas?

D1 – Sim, claro que sim. É fundamental, cada um poder mostrar como trabalha e trabalhar da maneira que se sente melhor e podermos depois fazer uma avaliação e chegarmos depois a um consenso: correu bem, correu mal, isso sim...

ENT – Mais concretamente no departamento a quem atribui essa tarefa? Quando estão por exemplo em reunião de departamento e surge um determinado problema que é preciso debater, discutir, trocar opiniões...

D1 – Pode ser qualquer um, mas é mais o coordenador.

ENT – Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares?

D1 – Os constrangimentos são...exteriores a nós próprios. São os horários, por exemplo, os horários medonhos, embora esta escola tenha horários bons, não é isso que me estou a referir, mas é que muitas vezes, o calor, a falta de condições. Por exemplo hoje, dar aulas e estar reunido e estar a fazer os concursos [concurso de leitura] é bom estarmos juntos a fazer isto, sem dúvida; este espaço é muito bom, porque temos um espaço de reunião, em Português, todas as semanas, 90 minutos e pronto... agora as condições físicas são muito más. Tudo o resto, acho que as pessoas são...

ENT – Os constrangimentos que identifica são ao nível do tempo e do espaço?

D1 – Sim.

ENT – A forma de entender a supervisão pedagógica pode, ou não, mudar a instituição/escola, concretamente as práticas educativas?

D1 – Sim. Acho que sim. Se nós entendermos... se a pessoa que vai fazer supervisão, ou o grupo, não tem uma atitude autoritária, não é, porque se imaginarmos uma direção com uma atitude autoritária, não faz uma boa supervisão, acho eu, mas se tiver uma atitude construtiva, claro que sim. E se a pessoa tem formação e é uma pessoa que tem que ter um “bom feitio”, tem que ser um bom... além de comunicador tem que ser uma boa pessoa, pode achar que não importa, mas eu acho que importa tudo, assim acho que sim, que é ótimo, porque as pessoas têm de trocar as experiências com sinceridade, dar o seu melhor, e não estar a pensar em termos de “isto guardo para mim”, eu em avaliação, isso já é negativo. Agora, resumindo, supervisão acho que pode ser ótimo, sim.

ENT – Para a melhoria da escola...

D1 – Sim, sim.

ENT – Que relação estabelece entre a avaliação de desempenho docente e a supervisão?

D1 – Quero separá-las porque a avaliação de desempenho, para mim é péssima, não tem... aliás, dizer péssimo estou até a considerar a palavra “péssimo”, boa de mais para qualificar. As pessoas sentem-se completamente injustiçadas, desmotiva o trabalho, portanto, a avaliação não posso entendê-la desta forma. A supervisão, no sentido de construir saberes, repartir o que se deve fazer, por exemplo, passar uma aula bem dada e distribuir pelos colegas para eles verem, poderem usá-la e aprender e trocar experiências, numa forma de construção de ... acho excelente. Portanto supervisão visto desta forma positiva, de trocar, de crescer, de melhorar a prática pedagógica, acho excelente. A parte da avaliação, no sentido em que temos agora, como foi este ano, que é a única que eu conheço, não estou a dizer que a avaliação não seja essencial, nós avaliamos os nossos alunos, é a parte mais difícil do ano, porque temos sempre a noção de que podemos... que é um bocado... angustia, não é, não sabemos se estamos a ser justos, e a avaliação nunca é justa, tudo bem. Mas esta avaliação é particularmente injusta, acho eu.

Cristina Paula Pinto

ENT – Então considera que a avaliação e a supervisão não são a mesma coisa?

D1 – Nada. Nada.

ENT – De que forma, no dia-a-dia das escolas, a supervisão se reduz à avaliação de desempenho?

D1 – No dia-a-dia das escolas, nesta altura, neste tempo que passou, em que houve avaliação e que teve que sair, e que teve de ser feita a avaliação, acho que... eu pessoalmente não acho que tenha alterado em nada a minha maneira de trabalhar. Agora... sentiram-se alguns constrangimentos, de pessoas... pronto, as pessoas são diferentes e há pessoas que reagem bem, mal... e há pessoas que têm um feitio de achar que têm de guardar as coisas, como em todo o lado... dessa maneira, com o diferentes feitios das pessoas... a avaliação, o tempo que passou foi negativo, afastou as pessoas e acho que piorou o ensino, sem dúvida...

ENT – Não contribuiu de forma positiva...

D1 – Não, nada. Pelo contrário. Aliás porque se grande parte... é evidente que nós sabemos que a avaliação é importante, mas tem que ser uma avaliação, no sentido, pronto, em que se constrói uma supervisão, mas uma supervisão...uma avaliação construtiva, de aprendizagem, de saberes, é pedagógica, e esta não foi e portanto afastou as pessoas e empobreceu o ensino e as escolas e se eles continuarem a mandar preencher papéis e... só estão a tirar-nos tempo, que é frustrante, da nossa preparação, do nosso trabalho de preparar aulas e dar aulas que é o que sabemos fazer melhor com os alunos, e, pronto... papelada desta maneira, que só serve para... papel... papel por papel... (risos)

Muito obrigada pela entrevista!

ENTREVISTA AO DOCENTE DEPARTAMENTO 2 (D2)

ANEXO NOVE

DATA: 30/05/2012

HORA: 12h10m

LOCAL: Sede agrupamento (sala de aula, sem interferências)

DURAÇÃO: Aprox. 14 minutos (estavam disponibilizados 30m)

Ent.- Bom dia! Esta entrevista insere-se na realização de um trabalho de mestrado, relativo à supervisão pedagógica. Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as conceções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica e tem por objetivo conhecer as perceções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma.

Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: Feminino

Idade: 41

Tempo serviço: cerca de 17 anos

Formação específica em Supervisão: Não

ENT - Enquanto docente, que importância atribui à supervisão pedagógica?

D2 – Mas quer que qualifique a importância?

ENT – Se acha importante? Em que medida, ou se não acha importante...

D2 – É importante. Não acho importante nos termos em que ela está a decorrer, como ela está estabelecida.

ENT – O que é que acha que deve fazer parte da supervisão pedagógica... nos termos em que ela está agora, da maneira que está estabelecida, não concorda, não acha da forma mais correta?! É isso?! Está a associar à...

D2 – Estou a pensar agora no caso da minha colega (a coordenadora de departamento) ela tem, acho que dezanove colegas para avaliar. Só contratados, fora aqueles, como o meu caso, por exemplo, no ano passado ela teve de me avaliar, porque mudava de escalão. Este ano não tem que me avaliar porque não sou contratada, mas imaginando que ela tem que avaliar dezanove colegas, com base num relatório, não é?! Em que as pessoas colocam lá, praticamente o que querem e ela só vai ler aquilo partindo do princípio que é verdade, que só estão lá a dizer... acho que não é um modelo, digamos, muito bom para aferir a competência de cada um, não é?

ENT - Reconhece/identifica o coordenador de departamento como um supervisor pedagógico?

D2 – Sim. Penso que neste molde, embora depois o conselho executivo tenha também... faça alguma avaliação, mas a parte maior, é feita pelo coordenador. Penso que sim.

ENT – Considera exercício do cargo é fundamental a formação especializada em supervisão?

D2 – Sim, sim. Penso que é importante senão é uma pessoa igual às outras, não é, que está a avaliar o trabalho. Se calhar nem é melhor, não é?! Isso já é um bocado relativo.

ENT – O coordenador de departamento e supervisor são a mesma coisa? Podem estar centrados na mesma pessoa, mas considera que são...

D2 – Eu neste momento tenho como sendo a mesma coisa, se calhar não são, mas a ideia que eu tenho é que é o mesmo. Se calhar estou errada, mas a ideia que eu tenho é essa.

ENT – Então as funções que o coordenador de departamento ou as funções do supervisor são as mesmas?

D2 – Eu penso que o supervisor é o coordenador, embora o coordenador tenha mais funções além de...[supervisor] pronto é essa a ideia que eu tenho.

ENT - Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas que identifica no coordenador de departamento? O que acha que o coordenador de departamento faz enquanto supervisor?

D2 – Faz a avaliação dos colegas, que acaba por ser avaliação dos relatórios; porque o ano passado ainda houve aulas assistidas, mas este ano nem aulas assistidas e mesmo com aulas assistidas não muda muito, porque vai assistir a duas, que acaba por não transmitir o panorama de cento e tal aulas, que às vezes se dá! Pode correr bem, pode correr mal e não demonstrar o que se passa no global das aulas todas. Mas pronto, sem aulas então é mesmo avaliar o relatório.

ENT – De que modo o coordenador de departamento realiza o acompanhamento da prática pedagógica dos docentes do departamento?

D2 - ... Não faço ideia...

ENT – Através de reuniões, troca de materiais, conversam...??

D2 – Sim, conversamos, trocamos materiais, só que lá está, é muito difícil. Por exemplo, a coordenadora é do meu grupo [disciplinar] então eu com ela trocamos materiais, trocamos ideias, muito mais do que, por exemplo, ela com uma colega do grupo de ciências, do segundo ciclo, não as estou a ver a trocar materiais porque não tem nada a ver...

ENT – Mas em relação ao trabalho que faz, no caso consigo, porque é do mesmo grupo...??

D2 – Porque é do mesmo grupo, estamos mais ou menos com os mesmos níveis de ensino, não é? Acabamos por trocar mais ideias, o que não faço, por exemplo, com uma colega de biologia ou uma colega de ciências do segundo ciclo ou de matemática... e o caso dela é igual. Ela de certeza que troca mais ideias comigo do que com colegas de grupos diferentes.

ENT – Que meios o coordenador de departamento utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do departamento?

D2 – Através do moodle, mandam mensagens, colocam no moodle e o moodle automaticamente envia mensagens para todos nós.

ENT – Por email [pessoal] não?

D2 – É... funciona como email. O moodle tem o email anexado e manda logo para todos nós os emails.

ENT - ... encontros informais, por exemplo, na sala dos professores não é...?

D2 – Sim, nos intervalos. Se houver alguma questão também rapidamente nos reunimos.

ENT – A forma como o coordenador de departamento comunica algo está adequada à forma como os docentes executam as tarefas?

D2 – Sim, sim... acho que está bem. Mas isso depende de cada um. Estou a falar do meu coordenador.

ENT – Pensa que os docentes aceitam bem...

D2 – Aceitam. Sim.

ENT – Interrogam, ficam com dúvidas?

D2 – Sim, falamos, levantamos questões, debatemos possíveis resoluções, mas normalmente estamos mais ou menos de acordo e o coordenador encaminha-nos mais ou menos para os problemas que têm de ser resolvidos.

ENT – O coordenador de departamento costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares? De que tipo?

D2 – Sim, sim! Lá está, falo por mim. Ele [coordenador de departamento] comigo, conversamos, trocamos ideias, os currículos, a maneira como se dá determinada matéria, por exemplo, agora no secundário, como apresentar o formulário, se deve ser o mesmo, se devemos alterá-lo, mais isso...

ENT – Considera importante existirem consensos nas equipas?

D2 – Sim. Muito importante.

ENT – No departamento, a quem atribui essa tarefa?

D2 – A todos, acho que é a todos. Só um não consegue... nós somos... não lhe sei dizer quantos somos (muitos) mas prontos se começamos a remar como um para seu lado o coordenador não consegue... somos muitos.

ENT – É importante existirem consensos, mas estão sempre de acordo ou...?

D2 – Não, não está sempre toda a gente de acordo, mas acabamos por debater os assuntos e acabamos por chegar ali a um meio-termo, se for preciso.

ENR – Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares?

D2 – Horários, se calhar! Nem sempre nos encontramos... o sermos muitos também..., eu sou do tempo em que éramos só grupo [disciplinar], não departamento, e funcionava muito melhor. Falávamos todos da mesma coisa, porque dávamos todos a mesma disciplina, não é. E éramos muito menos e quando somos menos, fala-se melhor, chega-se melhor a conclusões.

ENT – A forma como se entende a supervisão, pode ser o acompanhamento de prática, sugestões, ideias, debater, comunicar, observar, refletir, analisar sobre aquilo que nós fazemos, o que os outros fazem, será que essa forma de entender a supervisão pode ou não modificar a instituição, a escola? Pode beneficiar, ou pensa que, da maneira como está entendida atualmente...?

D2 – A ideia é essa, não é?! É mudar a prática, melhorar, não é só mudar é melhorar! A ideia, na teoria, acho que está boa; na prática penso que não é isso que está a acontecer. Tudo bem, trocamos ideias, mas já trocávamos antes, não é por sermos avaliados ou porque vai haver um relatório, ou porque tem que ser feito isto, não é por isso que fazemos melhor, eu acho, pelo menos falo por mim. O ano passado fui avaliada e dei as aulas exatamente da mesma maneira como dou este ano, que não sou [avaliada]. Por isso, na teoria a ideia é boa, irmos melhorando, mas eu acho que cada um de nós, se quiser, faz sem haver uma avaliação à volta. Mesmo havendo [avaliação], quem não quer fazer, não faz. É a ideia que eu tenho.

ENT – Que relação estabelece entre supervisão pedagógica e avaliação de desempenho?

D2 – Avaliação de desempenho e supervisão...(pausa). É assim... eu acho que, pronto, pelo que me está a dizer não é a mesma coisa, mas a ideia que eu tenho até

agora é que é a mesma coisa! Falam-me em supervisão e eu lembro-me de avaliação, não me lembro de mais nada, para ser sincera...

ENT – Entendendo a supervisão como aquilo que disse – o acompanhamento da prática... pode ou não implicar uma avaliação... pela ideia que disse supervisão e avaliação, considera que estão confundidas, acabam por ser a mesma coisa...?!

D2 – Se calhar... eu confundo-as e se calhar não sou a única. Claro que a supervisão é uma coisa e implica ou não, no final, uma avaliação; mas... quando há uma avaliação essa supervisão é feita mais detalhadamente, quando não há, se calhar já não é a mesma coisa.

ENT – No dia-a-dia das escolas (disse que tem colegas que estão a ser avaliadas, na mesma), de que forma é que a supervisão se reduz à avaliação de desempenho? Pelo que me diz, só porque houve necessidade de avaliação de desempenho, a supervisão ficou mais reduzida à avaliação de desempenho? (Algum desconforto com a pergunta). Considera que a supervisão está muito remetida para avaliação de desempenho?

D2 – Não, continua... mas lá está, quando trocamos materiais não estamos a pensar que é supervisão, ou que estamos a fazê-lo porque vamos ser avaliadas, fazemo-lo naturalmente porque já o fazíamos. É por isso que às vezes se confunde supervisão – avaliação. A troca de materiais faz parte, porque já se fazia antes. A avaliação é que é novidade, então acabamos por confundir um bocado, mas faz-se na mesma e acho que não é por sermos avaliados ou não que deixamos de trocar materiais. Acho que não tem nada a ver, penso eu.

ENT – Tem mais algum comentário a fazer relativamente à supervisão?!

D2 É assim. A ideia, na teoria, se vamos ver a teoria, a supervisão será para a melhoria das práticas letivas, para a troca de ideias, para em conjunto conseguirmos fazer um trabalho melhor... é bom e eu acho que podemos fazer isso sem haver uma avaliação, é a ideia que eu tenho e porque depois a avaliação acaba por ser muito mais complicada, acabamos por nos perder e acabamos por não fazer nada disso, porque estamos centrados naquilo “vamos ser avaliados, temos de dar uma aula muito bonita, com muitos powerpoints” e às vezes nem é o melhor para determinados alunos, não é?! Eu já cheguei à conclusão que há alunos em que os powerpoints funcionam e há outros que não funcionam. Eles perdem-se no meio daquilo, é melhor

uma aula mais tradicional; mas lá está, quem vai assistir a uma aula, se calhar está à espera de ver umas coisas bonitas, não uma aula tradicional e nem sempre é o melhor para aquele tipo de alunos que temos ali, e o coordenador não sabe que tipo de alunos temos ali, só os vê naquele dia... de maneira que... já me perdi...

São assuntos um bocado complicados e no dia-a-dia falamos sobre eles, mas se nos pusermos a falar sobre eles, a refletir, é mais complicado do que às vezes parece, e então avaliar estas coisas, avaliar a “avaliação”... mais complicado é...

Muito obrigada pela sua participação!

ENTREVISTA AO DOCENTE DEPARTAMENTO 3 (D3)

ANEXO DEZ

DATA: 24/05/2012

HORA: 15h45m

LOCAL: Sede agrupamento (sala de aula, sem interferências)

DURAÇÃO: Aprox. 15 minutos (estavam disponibilizados 30m)

Ent.- Boa tarde! Esta entrevista insere-se na realização de um trabalho de mestrado, relativo à supervisão pedagógica. Num tempo em que o termo **supervisão pedagógica** deixou de se confinar apenas à formação inicial de professores e alargou o seu campo de ação à supervisão entre pares, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, torna-se pertinente perceber quais as concepções que os docentes possuem de supervisão. Assim, a presente entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de investigação, destinado à elaboração de uma tese de mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Supervisão Pedagógica e tem por objetivo conhecer as percepções dos coordenadores de departamento e dos docentes relativamente à supervisão, bem como o modo como ela é efetuada. É nessa perspetiva que se enquadra a presente entrevista, onde será mantido o anonimato, e depois de transcrita, poderá rever a mesma. Agradeço a disponibilidade para participar neste estudo.

Género: Feminino

Idade:43

Tempo serviço: cerca de 17 anos

Formação específica em Supervisão: Não

ENT - Enquanto docente, que importância atribui à supervisão pedagógica?

D3 – Enquanto docente penso que a supervisão pedagógica permite a colaboração entre pares, o que acaba por ser benéfico, visto que há esta troca de ideias e nos permite realmente melhorar o nosso trabalho e contactar com novas maneiras de ensinar e de estar e penso que nesse aspecto é muito bom.

ENT – Reconhece/identifica o coordenador de departamento como supervisor pedagógico? (necessário explicitar) Considera que no desempenho das suas funções

o coordenador de departamento será, neste momento um supervisor pedagógico, além de outras funções que tem enquanto coordenador?

D3 - ... Sim pode ter essa supervisão pedagógica quando esse coordenador faz parte da mesma área disciplinar, quando... o que nem sempre acontece, muitas das vezes o coordenador é de uma determinada área disciplinar, que não aquela que eu lecciono, portanto, acaba por ser mais benéfico quando, realmente, o supervisor é da nossa área disciplinar.

ENT - Considera que, para o exercício do cargo de coordenador de departamento, é fundamental a formação especializada em supervisão?

D3 – Antigamente talvez não fosse necessário, mas acho que actualmente, faz todo o sentido terem essa formação porque as exigências são outras, o tipo de apoio que eles têm de dar aos colegas também é outro, e obriga a uma formação.

ENT – Considera que coordenador de departamento e supervisor são a mesma coisa? (necessidade de clarificar)...Coordenação e supervisão, são a mesma coisa? Identificam-se de alguma maneira ...

D3 – Não, penso que são coisas diferentes, são cargos diferentes que podem complementar-se quando exercidos pela mesma pessoa. O coordenador, penso eu que actualmente é mais um transmissor de informação que vem do pedagógico e de outros órgãos ao passo que o supervisor, parece-me que para troca de ideias, para troca de experiências está mais próximo do docente.

ENT – Tendo em conta as funções de um supervisor, quais são aquelas que identifica no coordenador de departamento?

D3 – [...] Pausa para pensar... Ora neste momento... lá está, o coordenador de departamento, dado que não é da minha área disciplinar funciona exactamente mais como um mero organizador do trabalho, um transmissor de informação que chega através de outros órgãos.

ENT – De que modo o Coordenador de departamento realiza o acompanhamento da prática pedagógica, perante os docentes do seu departamento? (necessidade de esclarecer). Como é que ele orienta, ou não, em termos de prática pedagógica

considera que o coordenador de departamento orientou, ou realiza algum tipo de acompanhamento dos docentes?...

D3 – Eu penso que mais esse acompanhamento na prática pedagógica se verifica mais nos docentes que são do mesmo grupo disciplinar...

ENT – E tem conhecimento de que tipo de acompanhamento o coordenador realiza com esses docentes, se observa aulas, se trocam experiências, trocam materiais...

D3 - ... Sim, troca de experiências, troca de material, quando o docente se candidata ao muito bom ou ao excelente e tem que ter as aulas assistidas, só nesse caso é que o coordenador assiste.

ENT – Que meios o coordenador de departamento utiliza para comunicar eficazmente com os docentes do departamento?

D3 – Email, e o contato presencial, na sala dos professores, nos intervalos, pequenos momentos que se proporcionam para esses momentos.

ENT - Considera que a forma como o coordenador de departamento comunica algo está adequada à forma como os docentes executam as tarefas propostas?

D3 – Sim, está...

ENT – De que forma? Pode concretizar a forma como o coordenador de departamento realiza essa transmissão, esse pedido, de que maneira é os docentes o entenderem para o realizar...

D3 - ... (pausa para pensar) Costuma haver muita cooperação entre o coordenador e nós, nós docentes, há determinadas tarefas que têm que ser executadas e o coordenador tem sempre a preocupação, de ver se há pessoas interessadas na execução dessas tarefas, tenta motivá-los, procura incentivar... naquilo que pode.

ENT – Já referiu que o coordenador não sendo do mesmo grupo disciplinar tem mais dificuldade em partilhar experiências pedagógicas, então o coordenador de departamento costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares, só com os do mesmo grupo disciplinar...

D3 – Eu acho que é mais com os do grupo disciplinar. Pode eventualmente às vezes falar de uma atividade que tenha realizado com determinados alunos, mas mais dentro da área disciplinar...

ENT – O coordenador de departamento costuma partilhar experiências pedagógicas com os seus pares? De que tipo?

D3 – Elaboração de materiais, powerpoint's, às vezes uma peça de teatro com os alunos, o ensaio de uma pequena música para uma apresentação, uma declamação... esse tipo de experiências assim, normalmente são partilhadas entre todos, quando são coisas mais diferenciadas com matérias específicas das disciplinas, já é mais entre pares.

ENT – Considera importante existirem consensos nas equipas?

D3 – Ai sim. É muito importante que haja consenso. Torna-se difícil trabalhar quando as ideias não convergem no mesmo sentido, embora também seja bom que hajam opiniões deferentes, mas depois é necessário chegarmos a um consenso.

ENT – Mais concretamente no departamento a quem a quem atribui essa tarefa?

D3 – O coordenador funcionará como uma espécie de mediador, mas depois esse consenso é necessário entre todos.

ENT – Que constrangimentos identifica no trabalho colaborativo entre pares? (necessário clarificar) Mesmo no seu grupo disciplinar, trabalham colaborativamente, partilham materiais, experiências, trocam ideias...?! Há algum tipo de constrangimento...

D3 – Pode haver ao nível do horário. Nós este ano, por acaso a português, como temos uma hora de trabalho comum, acaba por ser muito benéfico porque permite essa troca de experiências, a elaboração em conjunto de material...

ENT – ... então isso é um constrangimento que este ano não se verifica.

D3 – Sim... Este ano não se verifica, foi ultrapassado, mas que em anos anteriores sim. O fato de não conseguirmos ter uma hora comum de trabalho pode ser um constrangimento, porque esta hora comum permite um trabalho entre todos e antigamente conseguia-se esse trabalho apenas em pequeno grupo.

ENT – ... e durante essa hora, o coordenador de departamento está presente ou não está presente?

D3 – Por acaso está presente. É o coordenador dessa hora de trabalho conjunto...

ENT – ... e nessa hora trabalham em conjunto é quando fazem a troca de materiais... experiências.

D3 – Sim, exatamente troca de experiências, trocas de material, planificação de actividades tanto na sala de aula como para a comunidade escolar, refletir sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos, o levantamento das dificuldades, das causas, soluções para essas dificuldades, aproveitamos essa hora para isso.

ENT – A forma de entender supervisão pedagógica. Como acompanhamento da prática pedagógica, acompanhamento da realidade, pode ou não mudar a instituição, a escola? (necessário clarificar) Pode ou não mudar as práticas educativas, o fato de haver supervisão e de, entre pares, não quer dizer que seja só entre o coordenador, entre pares, haver essa partilha, essa troca pode ou não mudar...

D3 - Pode, pode, leva-nos muitas vezes a olharmos os problemas de uma outra forma, é sempre bom haver vários pontos de vista sobre os mesmos problemas, essa troca de experiências, troca de material, o experimentar uma coisa, numa determinada turma, ver que dá resultado e depois partilhar isso com os colegas, no sentido de eles também tentarem com os alunos deles, verem se dá resultado... tudo isso acaba de certa forma por melhorar a nossa prática letiva e isso depois reflete-se.

ENT – Que relação estabelece entre a avaliação de desempenho docente e a supervisão?

D3 – A avaliação é sempre um tema complicado e eu sou daquelas pessoas que não vê assim com muitos bons olhos a avaliação, confesso, mas... acaba por haver, acaba por haver uma certa relação entre ambas porque esta, supervisão surgiu exatamente por causa da avaliação, é uma das formas encontrada para ser feita essa avaliação docente, então realmente está uma ligada à outra e, lá está, esta supervisão que leva mais a esta troca de experiências, de materiais e que acaba por melhorar a nossa prática letiva, depois também é, talvez seja ainda mais potencializada e haja uma preocupação maior porque a pessoa sabe que vai ser avaliada.

ENT – Considera que a avaliação e a supervisão são a mesma coisa?

D3 – Não, não são a mesma coisa. São coisas diferentes.

ENT – Em que sentido? (pausa) A supervisão é mais que a avaliação? Ou a avaliação é mais que a supervisão?!

D3 – ... (pausa) É, é mais... Não, eu considero a supervisão mais que a avaliação, porque na supervisão há um acompanhamento que na avaliação não há.

ENT – De que forma, no dia-a-dia das escolas, a supervisão se reduz à avaliação de desempenho? (Necessário clarificar) No dia a dia escolas considera que só se faz supervisão...

D3 – (pausa) Sim... sim... só se faz essa supervisão por causa (da avaliação de desempenho)... faz-se essa supervisão, mas aqui tenho de fazer um parêntesis... sempre houve colegas que gostaram muito de trabalhar em grupo, de partilhar materiais, de partilhar experiências, isso sempre e eu sempre gostei muito de trabalhar em grupo com os colegas, a parte da supervisão que é nova é o assistir às aulas; essa parte sim, é que está relacionada com a avaliação, porque o trabalho colaborativo não... já é muito anterior à avaliação.

ENT – E considera então que atualmente, a supervisão está muito reduzida à avaliação de desempenho, ou os professores já conseguiram separar...?

D3 – Não. Já, já conseguiram separar, no primeiro ano sim, mas acho que agora, que não. As coisas voltaram a normalizar e já se olha com outros olhos, passando a redundância, para a avaliação.

Muito obrigada pela sua participação!

Grelha de Observação - Reunião Departamento Curricular

ANEXO ONZE

Data: 27/04/2012 **Local:** Sede agrupamento (sala de aula) **Hora:** 18h30m

Intervenientes: Coordenador departamento (CD3) + 20 docentes (vários grupos de recrutamento)

Ordem de trabalhos:

- **Ponto um :** Informações;
- **Ponto dois:** Análise transversal dos resultados escolares referentes à avaliação sumativa interna do 2º período;
- **Ponto três :** Elaboração da informação-exame de equivalência à frequência;
- **Ponto quatro:** Apreciação, seleção e adoção dos manuais;
- **Ponto cinco:** Outros assuntos

Observação (narrativa):

Momento antes da reunião: Coordenador de pé, a conversar com mais 2 docentes na sala. Sala já preparada com descrição da reunião escrita no quadro e ordem de trabalhos projetada no quadro.

No quadro:

27 de Abril – reunião departamento de ...

I parte (teórica)

Grande grupo

- explanação da ordem de trabalhos
- esclarecimento de dúvidas

II parte (prática)

Grupos disciplinares

- equipas de trabalho
- elaboração das atividades propostas na I parte

Reunião iniciou cerca das 18h35m

Ponto um : Informações

CD deu início à reunião (“bem, vamos lá começar”), apresentando o trabalho a desenvolver ao longo da mesma (leu o que estava escrito no quadro, relativo à 1ª e 2ª parte da reunião)

- *“Na 1ª parte são basicamente informações e na 2ª vamos reunir por grupos disciplinares para elaborar matrizes e documentos.”*

Entregou a folha de presença para docentes assinarem. Folha ia passando de mesa em mesa.

Iniciou a reunião lendo o guião da reunião do conselho pedagógico e do departamento, que, referiu ter sido enviada por mail para todos os docentes (docentes confirmaram, acenando, alguns tinham até impresso o guião).

Relativamente ao CP a CD referiu as informações relativas a:

- medidas coersivas do comportamento dos alunos
- testes
- formação de professores

Ponto 2 – análise dos resultados escolares (18h45m)

A CD prestou informações, tendo em conta as diretrizes do Conselho Pedagógico (CP) – salientou que na 2ª parte da reunião os professores iriam debater estratégias para superar dificuldades.

De pé, em frente aos docentes, apresentou e analisou alguns gráficos - CD enviou por email, na semana anterior, documentos para docentes do departamento analisarem-lembrando os documentos que tinha enviado. Docentes “acompanhavam” a leitura dos dados, em silêncio.

Nesse momento ouviu-se barulho, vindo do exterior da sala, que envolvia um aluno, uma auxiliar e um professor. Alguns docentes que estavam mais perto da janela “alhearam-se” da reunião, tentando perceber o que se passava, mas a CD continuou a analisar os gráficos, não tecendo qualquer comentário ao que se passava no exterior, “ignorando” os colegas que nesse momento estavam a murmurar entre si e atentos ao que se passava no exterior. (Situação durou cerca de 3 minutos).

Um docente chegou naquele momento.

Na análise dos gráficos a CD solicitou a ajuda de uma colega para melhor compreender aqueles resultados. A colega respondeu positivamente à solicitação do CD.

CD solicitou aos docentes que quando estivessem reunidos por grupos disciplinares pudessem estabelecer estratégias para a melhoria dos resultados escolares, disponibilizando-se para passar informações.

CD perguntou se havia alguma questão - *“- Alguém tem alguma dúvida, alguma questão...”* (olhando para a assembleia de docentes), ninguém se manifestou, logo a CD continuou o seu discurso.

Ponto três : Elaboração da informação-exame de equivalência à frequência;

CD prestou informações emanadas pelo CP, relativas a este ponto.

Um docente solicitou um esclarecimento (*- Porque é que agora se chama assim?*)

A CD informou esta docente, mostrando exemplos de exames, emanados pelo ministério da educação.

A CD solicitou a colaboração de outra docente para procurar documentos enviados por mail, enquanto procurava, no computador, documentos com mais informações.

(Sempre com um ambiente muito calmo, sem ninguém interromper a CD)

CD atendendo aos diversos grupos disciplinares, deu exemplos de como deveria ser elaborado a informação-exame.

“-Alguma dúvida?...” “- Não!”-responderam alguns docentes (poucos, outros manifestavam-se por gestos faciais)

CD continuou com mais informações- lendo o guião

Voltou a perguntar “Há dúvidas?”

Continuou dando mais informações relativas a diretrizes do CP

Voltou a referir “ -Se tiverem dúvidas....” Dando breves momentos para os docentes se manifestarem.

As docentes solicitaram à CD para “aumentar” o que estava a projetar (alguns comentários de alguns docentes para o docente do lado)

Continuou a projetar as informações, solicitando a colaboração de outro docente, para confirmar alguns dados.

Sempre que um docente levantava alguma dúvida a CD esclarecia – o docente aparentemente mostrava-se satisfeito com o esclarecimento.

Ponto quatro: Apreciação, seleção e adoção dos manuais; (cerca das 19h)

Chegou mais um docente.

A CD solicitou a colaboração de uma representante de uma editora (que estava a prestar informações relativas a este tema também nas outras reuniões de departamento, tinha entrado na sala cerca de 10 minutos antes), que apresentou o seu projeto (manuais escolares) para as áreas disciplinares.

A CD ocupou o lugar, mais ao menos a meio da sala, junto a uma coluna, ao lado dos outros docentes.

A apresentação durou cerca de 10 minutos. A representante da editora proporcionou alguns momentos de boa disposição – a “plateia” mostrou-se bem disposta e mais à vontade.

19H10M – A CD retomou a reunião (quando a representante saiu da sala), salientando a necessidade de os docentes procederem à avaliação dos manuais.

Ponto cinco: Outros assuntos

CD referiu que a avaliação das atividades do departamento tinha sido feita anteriormente à realização da reunião, projetando a mesma. Deixou algum espaço de tempo para os docentes proporem alterações. Confirmou com alguns docentes a avaliação.

Passou para as atividades do 3º período. Passou a palavra aos docentes para que estes referissem atividades que se iriam desenvolver no 3º período. Sempre no mesmo tom de voz. Alguns docentes mais ao fundo da sala conversavam. Uma docente lembrou a necessidade de se preparar outra atividade.

A CD projetou o PAA e solicitou aos docentes a sua leitura.

A CD questionou os docentes de um grupo disciplinar se a atividade se manteria nos mesmos moldes do ano anterior, dando a palavra aos docentes. Os docentes envolvidos no projeto vão-se reunir depois. A CD fez um “ponto da situação” e deu “luz verde” para que os docentes se reúnam posteriormente – autonomia aos grupos disciplinares.

Outra docente lembrou outra atividade. Todos os docentes foram respondendo às solicitações da CD; ouvindo os docentes aceitou sugestão e “elegeu” um responsável (sorrindo), lembrando que todos são responsáveis.

19h17m – II Parte - reunião por grupos disciplinares.

CD lembrou que estratégias já estavam mais ou menos elaboradas (ouve-se um burburinho na sala, CD não valorizou, continuando a falar para quem estava a ouvir).

CD enquadrou docente das AEC's nos grupos.

19h20m – Reunião por grupos disciplinares

Docentes dispuseram-se em grupos mais pequenos, na mesma sala.

CD perguntou se todos tinham assinado (folha de presença).

Os docentes, de modo mais informal, dispuseram-se para trabalhar, formando 5 grupos, (viraram as cadeiras para trás para falarem com outros docentes do mesmo grupo disciplinar). A CD circulava por entre os grupos, atendendo a solicitações dos docentes, que pediam a sua presença junto dos grupos. CD falou com um docente, individualmente e dirigiu-se a um grupo com a docente, para esclarecer dúvida. Ao dirigir-se ao grupo que a tinha solicitado, usou um tom maternal “Suzaninha...” e

abeirou-se do grupo, que estava com dificuldade em estabelecer estratégias. Deu algumas “dicas”: livros para consulta, pistas, de modo agilizar o trabalho.

Enquanto isto:

- alguns docentes consultavam documentos no pc
- 1 grupo delineava já estratégias
- 1 grupo trocava experiências pedagógicas
- alguns grupos estavam já a agendar encontros posteriores

Após esclarecer o grupo que solicitou ajuda, a CD sentou-se no seu grupo disciplinar.

19h35m

O 1º grupo que solicitou ajuda da CD retirou-se, dizendo que iriam repensar as estratégias ao longo da semana e que depois as enviariam para a CD, despedindo-se da CD. A CD continuou com outro grupo, integrada no trabalho. Dois minutos mais tarde, outro grupo também saiu, despedindo-se da CD, que perguntou “ Já está tudo?”, sendo a resposta positiva, continuando a CD a trabalhar no seu grupo. Alguns docentes ficaram de enviar o seu trabalho por mail para a coordenadora.

19h40m

Três grupos mantiveram-se a trabalhar, a “discutir” estratégias, a definir modelos de provas de exame (assuntos relativos aos pontos da reunião). Dois grupos estavam com documentos em papel, enquanto um grupo continuava a partilhar experiências.

Mais ninguém solicitou a intervenção/participação da CD.

Duas docentes foram consultar documentos que a CD tinha, de modo a esclarecer docentes relativamente a dúvidas, decorrentes de alterações emanadas pelo Ministério da educação.

19h45m

Saiu mais um grupo e depois outro, mantendo-se em conversa social, dentro da sala. Despediram-se da CD, que desejava bom fim de semana, em tom cordial e amigável. Alguns docentes referiram que levavam trabalho para casa e depois trocavam informações.

19h50m

Já com poucos elementos na sala (3), a CD estava sentada junto do pc e os docentes juntaram-se a ela, antes de saírem.

A CD tinha já muitos documentos organizados, solicitando aos docentes que visse se estava tudo bem, salientando que “EU vejo o que os meus olhos vêem” e solicitou a colaboração de 2 colegas.

CD agradeceu a presença de todos.

Observações gerais: Naquele dia havia reuniões de 3 departamentos.

Reunião realizou-se de forma ordeira, sem interrupções.

Coordenadora manteve-se sempre de pé, de frente para os docentes. Docentes sentados, tal como numa sala de aula, voltados para o quadro, em mesas de 2 lugares.

3 docentes chegaram já depois da reunião ter começado, pediram desculpa, num tom de voz muito baixo, de maneira a não interromper o discurso da coordenadora, que lançou um olhar de compreensão.

CD seguiu a ordem de trabalhos, solicitou várias vezes aos docentes se havia dúvidas, utilizou sempre o mesmo tom de voz (normal, calmo).

A CD encerrou a 1ª parte da reunião, mantendo-se depois reunida nos pequenos grupos de trabalho que se formaram, atendendo ou deslocando-se até junto dos mesmos (4 grupos) sempre que era solicitada para o esclarecimento de dúvidas por parte dos docentes.

Na 2ª parte da reunião o ambiente tornou-se mais descontraído, os docentes, em cada grupo, discutiram estratégias, valendo-se do trabalho realizado individualmente, nos dias anteriores à reunião. Aproveitaram também para partilhar experiências vivenciadas com os alunos (1 grupo).

Grelha de Observação - Reunião Departamento Curricular

ANEXO DOZE

Data:04/06/2012 **Local:** Sede agrupamento (sala de aula) **Hora:** 18h30m

Intervenientes: Coordenador departamento (CD3) + 18 docentes (vários grupos de recrutamento)

Ordem de trabalhos

- **Ponto um :** Informações do conselho pedagógico;
- **Ponto dois:** Avaliação sumativa;
- **Ponto três :** Elaboração dos exames-prova de equivalência à frequência;
- **Ponto quatro:** Outros assuntos

Observação (narrativa):

Momento antes da reunião: Coordenador de pé, a conversar com mais 2 docentes das AEC's (atividades de enriquecimento curricular – inglês) na sala. Um docente solicitou à coordenadora se poderia sair às 19h20m, ao que a coordenadora acenou afirmativamente. A CD preparou a sala (anteriormente estava ocupada em atividade de aulas), enquanto alguns docentes conversavam entre si.

Reunião iniciou cerca das 18h40m

Ponto um - Informações do conselho pedagógico

CD iniciou a reunião, depois de projetar a ordem de trabalhos no quadro.

“Boa tarde, já todos leram a ordem de trabalhos e o guião que enviei por mail!”

Procedeu à atualização do guião da reunião do conselho pedagógico que continha informações. Alguns docentes solicitavam esclarecimentos, que a CD procurava elucidar. Outros docentes falavam entre si de modo a clarificar ideias.

A CD ia perguntando se havia dúvidas relativamente a alguma informação.

Chamou a atenção para a atualização do dossiê digital, solicitando aos docentes que lhe fizessem chegar os documentos ou que fossem os próprios docentes a proceder a essa atualização. *“Alguma dúvida...tenho o mail...encontre-me disponível para responder às dúvidas...”*.

A CD utilizava sempre o mesmo tom de voz (ignorando os docentes que falavam entre si) mantendo-se de pé.

Ponto dois - Avaliação sumativa; (Cerca das 18h50m)

A CD começou por referir que a legislação já havia sido enviada para os docentes (por mail) e relembrou algumas informações que já estavam em vigor (fez-se silêncio na

sala). Todos os docentes olhavam para a CD; 1 docente conversa com outro, muito baixinho. CD continua na explanação das informações, projetando no quadro os tópicos das informações). Uma docente levantou uma dúvida. Outra docente requereu a solicitação de mais informações. A 1ª docente interveio. A 2ª docente continuou a solicitar mais informações. A CD procurou manter a ordem dizendo *“Desculpem mas temos de estar calados, senão não nos entendemos!”*

Alguns docentes tomaram a palavra questionando e procurando soluções para o problema levantando (relativo às aprendizagens dos alunos). Alguns docentes remeteram as soluções para os conselhos de turma. (A CD deixou os docentes tomar a palavra, mantendo-se atenta, mas sem intervir).

Quando a CD tomou a palavra todos os docentes se calaram e a CD perguntou, num tom exclamativo *“Bom, podemos avançar?!”* Manteve-se silêncio e os docentes respondiam afirmativamente, acenando com a cabeça.

Ponto três - Elaboração dos exames-prova de equivalência à frequência; (Cerca das 19h)

Um docente estava a falar com outro e a CD, abordando-o perguntou *“Alguma dúvida...?”*, ao que o docente se calou.

CD retomou a reunião seguindo a ordem de trabalhos, dando informações emanadas pelo conselho pedagógico. Mostrou algum trabalho que já tinha realizado. Alguns docentes conversavam com os colegas do lado.

Um docente solicitou mais esclarecimentos acerca de aspetos formais. A CD foi “confrontada” pelo mesmo docente com documentos e foi procurar informações, nos seus próprios documentos para solucionar as dúvidas dos docentes, verificando-se um compasso de espera. CD projetou no quadro documentos que poderiam informar os docentes e fez um exercício para procurar acompanhar o raciocínio dos presentes *“Espera aí...deixem-me raciocinar convosco...”* retomou a questão, em voz alta e solicitou ajuda aos docentes para clarificar a situação. Deu a palavra a um docente, para esclarecer dúvidas. Vários docentes e o CD entraram em diálogo para complementar e solucionar a dúvida surgida. Fez-se um compasso de espera.

A CD continuou com as informações legais, enquanto 4 docentes conversavam entre si.

Ponto quatro – Outros assuntos (Cerca das 19h10m)

A CD solicitou ajuda aos docentes para registar os nomes dos manuais a adotar. Vários docentes falaram entre si, enquanto o CD se abeirou de um docente para registar o nome dos manuais. Nesta altura o CD verificou que a secretária da reunião

(a quem compete fazer a ata), não estava presente, e atendendo à ordenação dos docentes na folha de rosto da ata, a docente que se seguia secretariou a reunião. A CD afirmou *“Ai, houve um lapso meu!”*.

A CD mantinha-se de pé, ao longo da reunião, frente aos docentes que estavam sentados nas cadeiras, junto às mesas, qual sala de aula. A CD ia-se deslocando até junto de alguns docentes, dos diferentes grupos disciplinares, que iam referindo o nome dos manuais.

“Relativamente aos manuais, podemos avançar...vamos ao ponto de situação das atividades do 3º período!” referiu a CD.

Um docente interrompeu, solicitando informações; a CD solicitou ajuda a um outro docente para esclarecer dúvidas, pois estava melhor informado; a CD também forneceu alguns esclarecimentos.

A CD continuava a usar o mesmo tom de voz, ao longo da reunião, fazia algumas pausas e elevava o tom de voz em algumas palavras, para captar a atenção de todos os docentes.

A CD foi questionado por vários docentes relativamente a dúvidas surgidas nas informações dadas, emanadas pelo conselho pedagógico. Respondeu de forma clara aos docentes, enquanto outros conversavam com o docente sentado ao seu lado.

“Mais alguma dúvida? Podem perguntar à vontade, o que eu não souber, informo-me.”

(Risos)

Retomou-se a reunião atendendo às atividades do 3º período, tendo a CD questionado o modo como estavam a decorrer, o que foi feito e o que ainda se deveria fazer, questionando alguns docentes. Questionou outros docentes acerca de outra atividade diferente. Os docentes, entre eles, começaram a coordenar as atividades. A CD referiu a necessidade de se avaliar as atividades e questionou, ainda, os docentes acerca de uma atividade que constava do plano anual de atividades, tendo estes referido que como o ano letivo já estava a terminar para alguns alunos, não era viável a realização desta atividade. A CD deu a sugestão desta última atividade se realizar na escola, para os docentes, fazendo uma “previsão” para o próximo ano letivo, afirmando que era sua intenção que essa atividade se realizasse. Um docente referiu que tinha muito trabalho, pelo que era impossível realizá-la, além de que a mesma deveria ser direcionada para os alunos. A CD deu algum tempo para os docentes darem soluções. Alguns docentes iam dando algumas soluções; a CD referiu que não tinha condições de, fisicamente, realizar esta atividade. Os docentes continuaram a dar sugestões. A certa altura a CD tomou a palavra e deu 3 sugestões; deu mais algum tempo para os docentes debaterem entre si; a CD aludiu à experiência de outras atividades. Deu

ainda uma última hipótese para um convívio entre os docentes do departamento, que foi aceite por todos.

“Bem, está tudo...vamos acabar! Obrigada a todos”, referiu a CD, cerca das 19h35m.

No final 3 docentes abeiraram-se da CD para solicitar mais algumas informações, ao que a CD referiu que enviava as informações e mais documentação por mail. Um outro docente falou pessoalmente com a CD, pelo que esta referiu que se iria inteirar da solução para a questão formal levantada por alguns docentes, decorrente de uma alteração do ministério da educação e cultura.

Observações gerais: Naquele dia havia reuniões de 3 departamentos.

Reunião realizou-se de forma ordeira, com pedidos de esclarecimento relativos a vários assuntos, executando-se bastantes interrupções por parte dos docentes. A CD manteve-se sempre de pé, de frente para os docentes. Docentes sentados, tal como numa sala de aula, voltados para o quadro, em mesas de 2 lugares.

CD seguiu a ordem de trabalhos, solicitou várias vezes aos docentes se havia dúvidas, procurou soluções juntamente com os docentes, utilizou um tom de voz normal, calmo, intercalando, por vezes com um diálogo mais enérgico, para prender a atenção dos docentes, que se mostraram mais à vontade com a presença do observador, ouvindo-se, por vezes, vários docentes a conversarem com outros que lhes estavam mais próximos, mostrando-se por vezes alheios ao desenvolvimento da reunião.

Regulamento Interno Agrupamento X

ANEXO TREZE

Competências do coordenador de departamento

(artigo 46.º)

Competências do coordenador do departamento

Compete ao coordenador do departamento curricular:

- a) assegurar as reuniões de departamento e a sua presidência;
- b) dirigir outras reuniões com vista à articulação entre os vários níveis de ensino;
- c) convocar as reuniões definindo a respectiva ordem de trabalhos;
- d) representar os professores do departamento no conselho pedagógico, actuando como transmissor entre este órgão e os docentes do seu departamento;
- e) veicular, para o conselho pedagógico, as propostas do seu departamento;
- f) promover a troca de experiências e a cooperação entre todos os docentes que integram o departamento curricular;
- g) assegurar a participação do departamento na elaboração, desenvolvimento e avaliação do projecto educativo do agrupamento e do respectivo plano anual de actividades;
- h) promover medidas de planificação e avaliação das actividades do departamento;
- i) promover a articulação com outras estruturas ou serviços do agrupamento, com vista ao desenvolvimento de estratégias de diferenciação pedagógica;
- j) propor ao conselho pedagógico o desenvolvimento de componentes curriculares locais e a adopção de medidas destinadas a melhorar as aprendizagens dos alunos;
- k) cooperar na elaboração, desenvolvimento e avaliação dos instrumentos de autonomia das escolas do agrupamento;
- l) promover a realização de actividades de investigação, reflexão e estudo, visando a melhoria da qualidade das práticas educativas;
- m) assegurar a coordenação das orientações e dos planos de estudo, promovendo a adequação dos seus objectivos e conteúdos à situação do agrupamento;
- n) coordenar a prática científico-pedagógica dos docentes das disciplinas, áreas disciplinares ou nível de ensino, consoante os casos;
- o) acompanhar e orientar a actividade profissional dos professores da disciplina, área disciplinar ou nível de ensino, especialmente no período probatório;

- p) intervir no processo de avaliação do desempenho dos docentes das disciplinas, área disciplinar ou nível de ensino, sem prejuízo de delegação de competências, nos termos da legislação em vigor;
- q) assegurar o cumprimento das normas e orientações legais emanadas do director e do conselho pedagógico bem como a programação das actividades escolares que respeitem ao departamento;
- r) organizar e manter actualizado o inventário do material/equipamento pertencente ao respectivo departamento curricular, e propor a aquisição de novo material/equipamento;
- s) cooperar com o município no processo de avaliação de desempenho dos professores das actividades de enriquecimento curricular;
- t) apresentar, ao director, um relatório anual do trabalho desenvolvido, no prazo de quinze dias úteis após o encerramento das actividades lectivas;
- u) exercer as demais competências que lhe sejam cometidas na lei e no presente regulamento;